

ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

FELIPE DA SILVA ZANINI

**QUERIDO AMIGO**

Porto Alegre  
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

FELIPE DA SILVA ZANINI

**QUERIDO AMIGO**

Porto Alegre  
2021

FELIPE DA SILVA ZANINI

**QUERIDO AMIGO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

**Orientador: Prof. Dr. Luís Roberto de Souza Júnior.**

Porto Alegre

2021

FELIPE DA SILVA ZANINI

**QUERIDO AMIGO,**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Luís Roberto de Souza Júnior.

---

Prof. Mestre Arthur Beltrão Telló.

---

Prof. Mestre Frederico Dollo Linardi.

Porto Alegre

2021

*Para Hugo, Andrea, Austin, Sofi, Ernesto y todos más que conocí en Perú.  
E para minha avó, que faleceu no dia seguinte ao meu retorno ao Brasil e a  
quem nunca pude contar esta história.*

## AGRADECIMENTOS

*Gracias*, em primeiro lugar, ao meu orientador, Luis Roberto, que foi o professor que me apresentou à Não Ficção. Lembro-me de um comentário seu, após a entrega de um exercício da prática diarística, em que disse que tenho aptidão para expressar meus sentimentos através de palavras. Desde então meus diários não deixam minha mesa de cabeceira.

*Gracias* à banca por se disponibilizar para ler meu trabalho e avaliá-lo. *Gracias*, Fred, pelas dicas que me enviou por e-mail, antes mesmo de eu iniciar este trabalho, e por ser mais uma das pessoas que me inspirou a buscar pela Não Ficção. *Gracias*, Telló, pela paciência, por ter me apoiado durante o primeiro esboço de meu TCC, por ser um dos melhores professores que já tive, que sempre demonstra o afeto que sente pelos alunos e que está sempre disposto a escutá-los.

*Gracias* também a outras duas professoras fantásticas que tive ao longo do curso. *Gracias*, Moema, por ser como você é, por sempre ter sido tão solícita comigo, por puxar minhas orelhas sempre que tento abranger mais do que deveria e por todas as leituras críticas de meus textos. *Gracias*, Jana, pela atenção dedicada aos alunos e pelas palavras ditas a mim após o final da cadeira de Literatura Infanto Juvenil e que nunca irei esquecer.

*Gracias* a todos de minhas duas famílias: aqueles que são ligados a mim pelo sangue e aqueles cujas ligações foram criadas décadas antes de meu nascimento e que perdurarão nas próximas gerações. Um agradecimento especial à minha tia Consuelo, que me levou durante anos à Feira do Livro de Porto Alegre.

*Gracias* a todos os amigos e mentores que o Movimento Escoteiro me deu. *Gracias*, Giba e Pati, por terem me aturado na fase mais rebelde de minha vida e por seguirem ao meu lado. *Gracias*, véio Eraldo, por me ensinar que quando se quer o frio espantar, põe-se os cavalos todos a trotar.

*Gracias* aos amigos que a Escrita Criativa me deu, em especial à Isa, que foi a primeira pessoa que acreditou na minha escrita, e ao Leo Andrade, meu companheiro de cafés gelados e mensagens trocadas no WhatsApp ao longo das aulas que me faziam ter que esconder o sorriso em frente à câmera. *Gracias* ao primeiro grupo de amigos que me sinto 100% pertencente: Luisa, Matheus, Leticia, Laura, Lucas e Fred. Quero poder ter muito mais entradas em meus diários feitas por vocês.

*Gracias* ao meu irmão Hugo e toda sua família, pela hospitalidade, pelo carinho e respeito que tiveram por mim enquanto estive em sua casa e por serem pessoas de um coração tão grande.

*Gracias* à minha equipe do III Moot Interamericano.

*Muchas Gracias* ao Léo, meu melhor amigo e também meu irmão. Obrigado por todas as festas, todas as jantas, pela cumplicidade, por me ouvir e por cuidar de mim. Que possamos ter muito mais disso.

Por fim, *gracias*, vó: te amo para sempre!

*“Things change. And friends leave. Life doesn’t stop for anybody”.*

*Stephen Chbosky.*



## RESUMO

Este é um trabalho composto de memórias. Na primeira parte, um ensaio pessoal, investigo os motivos que me levaram a escolher a Não Ficção como tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, assim como elenco as características da escrita diarística e realizo uma breve análise de meus próprios diários. Para tanto, foram lidos diários de escritores como Sylvia Plath (mantidos entre 1950-1962) e Franz Kafka (mantidos entre 1909-1912) e Carolina Maria de Jesus (reunidos na obra *Quarto de despejo — diário de uma favelada*, publicada em 1960), além dos estudos teóricos de Philippe Lejeune e Sergio Barcellos. Na segunda parte, apresento um recorte dos meses junho, julho e agosto do ano de 2018, retirado do primeiro de meus diários. Nesse recorte, de certa forma um “diário de viagem” (mas com traços mais generalistas), procurei manter o mesmo estilo de escrita que possuía à época, mas introduzindo memórias que voltaram durante a releitura e que, desta forma, impuseram-se na reescritura que efetuei.

**Palavras-chave:** Escrita Criativa. Não Ficção. Escrita diarística. Diário pessoal.

## ABSTRACT

This is a work made out of memories. In the first part, an essay, I investigate the reasons that made me choose Creative Nonfiction as the subject of this thesis, as well as list the characteristics of the daily writing and perform a brief analysis of my own journals. Therefore, the journals of writers such as Sylvia Plath (kept during 1950-1962), Franz Kafka (kept during 1909-1912) and Carolina Maria de Jesus (gathered in the book *Quarto de despejo — diário de uma favelada*, released in 1960) were read, in addition to the theoretical studies of Philippe Lejeune and Sergio Barcellos. In the second part, I present a cutout of the months June, July and August of 2018, taken from the first of my journals. In this cutout, in a way a “travel journal” (but with more general features), I tried to keep the same style I had at the time, but introducing memories that came back during the reread, and that, in this way, imposed themselves in the rewriting I’ve made.

**Keywords:** Creative Writing. Creative Nonfiction. Daily writing. Personal journal.

## SUMÁRIO

<b>1 NO SE NACE EN VANO AL PIE DE UN VOLCÁN.</b>	<b>11</b>
<b>2 QUERIDO AMIGO.</b>	<b>13</b>
<b>3 AREQUIPA, JUNHO DE 2018.</b>	<b>26</b>
<b>4 COM AMOR, FELIPE.</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>70</b>

## 1 NO SE NACE EN VANO AL PIE DE UN VOLCÁN.

*Querido amigo,  
Coisas não muito interessantes aconteceram nos últimos dias... eu acho.  
Então, para começar, eu gostaria de conversar sobre este diário. Se você está lendo isso, você provavelmente está se perguntando por que ele mudou tanto desde a época em que comecei a escrever aqui. Bem no começo eu pensei em escrever ou desenhar coisas aleatórias (como fiz), mas então eu assisti As vantagens de ser invisível de novo, ou pela primeira vez, não tenho certeza, e eu decidi fazer daqui um diário, mesmo que Charlie escrevesse cartas.*

*Também, a mãe da Meredith, em Grey's, escrevia diários e a Mer e a Maggie podiam ler suas memórias (mesmo se fosse sobre cirurgia). Então, se você é meu filho ou meu neto, esta era a intenção!*

*Com amor, Felipe.*

A entrada acima, feita em 20 de janeiro de 2016, foi a primeira encontrada entre as mais de 200 páginas do primeiro de meus diários em que escrevo o porquê de manter a escrita diarística, mesmo que na época não soubesse que há um nome para tal. Este caderno, comprado ao acaso, contém entradas entre novembro de 2014 e outubro de 2020.

Talvez justamente o hábito de escrever o cotidiano foi o que me ajudou a entender que, depois de retornar ao Brasil após uma curta viagem à Irlanda para o casamento de minha prima Karen, em setembro de 2016, que um de meus dois maiores desejos era ir para um país diferente mais uma vez, conhecer pessoas e culturas novas e, basicamente, me aventurar. Como viajei em um grupo de mais ou menos dez pessoas, todas elas da minha família, não tive a experiência de *estar sozinho* e acabei deixando de fazer muito do que eu queria.

Em 2017, com meus vinte anos e há onze muito envolvido com atividades comunitárias por pertencer ao Movimento Escoteiro, entendi que a outra de minhas grandes vontades era fazer o bem, pura e simplesmente. Naquele ano, participei ativamente do Movimento, época em que ingressei em duas equipes regionais — Comunicação e Diversidades —, organizei um ou outro evento e participei da organização de diversos. Este impulso tão grande por minha parte foi o que me fez pedir demissão do emprego que tinha na época e, com minha rescisão, pagar a inscrição para o III Moot Interamericano, um evento escoteiro voltado para jovens de

18 a 26 anos que ocorreria no ano seguinte, em Cusco, e que contaria também com atividades comunitárias.

Porém, não satisfeito com somente os dez dias do acampamento, optei por fechar um contrato de intercâmbio de trabalho voluntário com a AIESEC: apliquei para trabalhar durante seis semanas na cidade de Arequipa, onde, com dois grupos de intercambistas diferentes, frequentei uma escola próxima ao aeroporto e trabalhei com as crianças da sexta série até o último ano do ensino médio, unindo meus dois desejos, pois nessas seis semanas ficaria hospedado na casa de uma host family, completamente imerso na cultura peruana.

Agora, no momento de escolher o tema do meu TCC, resolvi revisitar as entradas de meu diário da época de Arequipa. Neste ensaio pessoal busco ao mesmo tempo entender as motivações que me levaram a tal escolha e também investigo características do gênero diário.

## 2 QUERIDO AMIGO,

*Viamão, 10 de maio de 2020.*

*Ontem estava buscando referências para um artigo que tenho que escrever para uma cadeira da faculdade e acabei passando por um que analisava a melancolia em uma obra de Machado de Assis. Fiquei, ao mesmo tempo, de queixo caído e bem frustrado, porque algumas semanas atrás entreguei um ensaio para a mesma cadeira e nele escrevi sobre o conceito de melancolia através dos séculos e sobre meu processo criativo para escrever o romance do TCC: *As luas de Saturno*. Eu fiquei sinceramente muito orgulhoso do que escrevi, porque ficou realmente muito bom, mas aparentemente a vida não anda muito a meu favor, pois esse artigo que mencionei faz exatamente o mesmo resgate que fiz, com o mesmo raciocínio, as mesmas referências e até as mesmas citações. Foi um balde de água fria, porque realmente queria usar o ensaio para meu TCC e agora não sei mais o que fazer.*

Na entrada acima, feita no semestre em que fiz a cadeira de Não Ficção II, relato um problema que já me era familiar: no semestre anterior, durante a cadeira Projeto de Pesquisa em criação (“pré TCC”), escrevi um artigo em que fiz uma análise comparativa entre as obras *A hora da estrela* (1977) e *As parceiras* (1986), tendo em vista como a melancolia se manifesta no romance brasileiro contemporâneo. Porém, após entregar o trabalho, encontrei um artigo que analisava as mesmas obras através do mesmo ponto de vista. Deparei-me novamente com esse problema no semestre seguinte (mencionado na entrada), em que busquei analisar, desta vez, de forma mais específica, “a criação de uma personagem melancólica no romance brasileiro contemporâneo”. Fiz uma extensa pesquisa e dissertei sobre o conceito de melancolia e como seu conceito mudou durante as eras — indo da Antiguidade até a Contemporaneidade —, mas, como relatei, até as citações que utilizei foram as mesmas. Julgando-me incapaz de prosseguir com a pesquisa, optei por trocar de tema, orientador e abordagem.

No final do primeiro semestre de 2020, enviei um e-mail ao atual professor que me acompanha, pedindo que me auxiliasse com a produção do trabalho, informando que gostaria de fazer um que contasse histórias de integrantes do Movimento Escoteiro, pois já havia feito algo similar alguns anos atrás, através de entrevistas e fotos postadas no Instagram. A ideia não foi para frente porque um amigo enviou o perfil de uma jovem que estava fazendo sua Insígnia de B-P (distintivo especial para

jovens do ramo Pioneiro<sup>1</sup> que atingem todos os itens da progressão pessoal e organizam e aplicam um projeto em uma área pré-determinada), novamente, com uma proposta exatamente igual à minha.

Depois de muito pensar, analisar e rever assuntos tratados na faculdade, mantive a Não Ficção como temática, mas ainda sem saber qual assunto abordar.

## 2.1 POR QUE A NÃO FICÇÃO?

*Domingo, 17 de maio de 2020 — Porto Alegre  
Leitura de: “A guerra não tem rosto de mulher”.*

*Svetlana nos mostra um pouco do que é ser mulher na guerra. Ela nos mostra que a vaidade ainda permanece (por mais que algumas a tenham deixado de lado) e que a mulher continua a menstruar, mesmo em meio a todo o caos (por mais que algumas relatem que pararam de menstruar). Uma das cenas que mais me chamou atenção foi o relato de uma soldado que contou que o sangue desceu durante uma longa caminhada, mas ela seguiu em frente, fingindo que não havia acontecido nada, e os homens que iam atrás dela, sabe-se-lá se por respeito, empatia ou nojo, também seguiram e se mantiveram calados. Lembro que ela relatou que sua calça ficou dura e quebradiça feito vidro.*

*Acho que ainda no mesmo capítulo foi relatado também que o sentimento de vergonha era maior que o medo de morrer, exemplificado por algumas mulheres que, ao encontrarem um rio após um longo período sem banho, foram se lavar, ignorando um tiroteio que acontecia.*

Sei que tive aulas sobre a obra *A guerra não tem rosto de mulher* (1985) em 2018/2, mas seria injusto dizer que foi naquele semestre que surgiu em mim a afeição pelo gênero, pois com a cabeça tão diferente que tinha na época, sequer percebi que era, de fato, Não Ficção. Já em 2019/2, ao fazer a cadeira que carrega o mesmo nome, me vi imerso no mundo destas narrativas, tendo gostado tanto que optei por fazer a eletiva de Jornalismo Literário, na qual retornei à obra de Svetlana e fiz a entrada acima, em um caderno que é um pouco diferente de meus diários, voltado para breves sinopses e impressões dos livros que leio.

Essas obras de “vidas reais” me fascinam: ao fazer a leitura de diários ou mesmo de textos orais tratados através de técnicas literárias (como é o caso do livro mencionado) e, ao me deparar com realidades tão diferentes, me sinto constantemente provocado, pois tenho a consciência de que tudo ali escrito é verídico, por mais dura que seja a realidade das personagens. Aliás, *Real Life* é um dos 5 R's<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Pioneiro é o jovem com idade entre 18 e 21 anos e que pertence ao ramo Pioneiro. Os demais ramos são Lobinho, Escoteiro e Sênior.

<sup>2</sup> Os demais são: *reflection*, *research*, *reading* e *riting* (*reflexão*, *pesquisa*, *leitura* e *escrita*).

instituídos por Lee Gutkind (2006) como os traços que são necessários à *Creative Nonfiction*, além, é claro, da presença de Cena, Diálogo e do Detalhe Íntimo, algo que o autor traz como “*the craft part*” da escrita, traços característicos muito presentes na obra de Svetlana e na de Marcelo Rubens Paiva, que li em 2019/2.

No romance *Ainda estou aqui* (2015), Marcelo relata sobre sua infância e início da vida adulta, o sequestro do pai (torturado e morto durante a ditadura militar brasileira) e até mesmo o convívio com a mãe, Eunice, que precisou se reinventar após a morte do marido e que passou seus últimos anos com a memória afetada pelo Alzheimer. Voltando ao passado para explicar como se sucederam os fatos, Marcelo Rubens Paiva montou diversas passagens em que utilizou tanto de narrador personagem, quanto de narrador onisciente, mas procurou deixá-las bem elaboradas quando tratou do último, introduzindo informações que só poderiam ser conhecidas por alguém que estivesse naquele meio, como no trecho em que relata o dia que seu pai foi sequestrado e também o último que o viu.

Meia hora depois, seis sujeitos armados em trajes civis cruzaram o quintal. Tensos, como se invadissem um aparelho subversivo. Entraram pelos fundos da casa da esquina. Cruzaram a cozinha, apontando metralhadoras para a empregada, Maria José. Mandaram erguer as mãos. Calma, caminha... (PAIVA, 2015, p. 115).

Há também diálogos com sua mãe, já com a memória enfraquecida e que mostram um pouco da difícil convivência com alguém que sofre o mal do “*alemão impronunciável*” (título do capítulo em que explora esta parte de sua vida). A obra termina com a apresentação da denúncia feita ao Ministério Público e o andamento do caso Rubens Paiva, que teve sua veracidade reafirmada por trechos de reportagens de jornais que circulavam na época inseridos ao longo da narrativa.

A brevidade da vida relatada no livro de Svetlana, desta vez lido (uma vez que ainda não o havia feito), voltou como a afirmação que precisava para entender que o gênero Não Ficção era o assunto que queria tratar em meu TCC. Através de horas e mais horas de entrevistas dadas pelas militares à escritora e jornalista, a autora compilou diversas vozes que foram silenciadas durante muito tempo, mostrando a guerra através dos mais diversos pontos de vista, conforme relata no trecho:

Depois de classificar os endereços que tinha, formulei assim: tentar entrevistar mulheres de diferentes profissões militares. Cada um de nós vê a vida segundo sua atividade, segundo seu lugar na vida ou nos



acontecimentos que participa. Podemos pressupor que a enfermeira viu uma guerra, a padeira viu outra, a paraquedista uma terceira, a piloto viu uma quarta, a comandante de um pelotão de atiradores uma quinta... Cada uma delas esteve na guerra que existia em seu raio de visão: a de uma era a mesa de cirurgia: “Vi tantos braços e pernas amputados... Já nem acreditava que em algum lugar havia um homem inteiro. Parecia que todos estavam feridos ou mortos...” (A. Diémchenko, primeiro-sargento, enfermeira) [...] (SVETLANA, 1985).

Habitado à leitura de romances, sequer imaginava que ler sobre o cotidiano poderia ser tão hipnotizante. As realidades apresentadas, todas tão discrepantes da minha, pacífica, acabaram me guiando à temática do dia a dia, me deixando indisposto de tratar qualquer assunto que não esse. Claro, o cotidiano já havia sido trabalhado antes: as atividades realizadas na cadeira de Não Ficção I eram, em sua maioria, voltadas à “escrita de si”, como a proposta de escrever “algo que somente eu posso contar” ou a de manter a escrita diarística por cinco dias e expor o que foi escrito nos fóruns do Moodle.

Neste momento, fascinado pelo íntimo das outras vidas, já tinha consciência que trabalharia com diários. Uma vez tendo definido a área a ser estudada, dediquei-me à leitura dos diários de escritores como Carolina Maria de Jesus, Sylvia Plath e Franz Kafka, além de teóricos como Sergio Barcellos e Philippe Lejeune.

## 2.2 O QUE TORNA DIÁRIOS TÃO ESPECIAIS?

*Arequipa, 13 de julho de 2018.*

*Pela primeira vez na vida, passei por um terremoto. Foi bem leve. Senti a casa vibrar quando estava atravessando a porta para entrar no quarto. Como os meninos estavam jogando bola no andar de baixo, achei que, sei lá, tivessem acertado uma parede ou um carro tivesse se chocado com a casa, mas o Beto, que estava no corredor, apenas riu da minha cara e disse que era um “sismo”. Perguntei se não precisávamos sair da casa e ele disse que não, somente se continuasse.*

A entrada selecionada pertence à parte criativa de meu trabalho, que foi enviado recentemente a uma de minhas tias em um e-mail em que a explico o porquê de gostar tanto deste estilo de escrita: em vez da atenção dedicada à continuidade da narrativa quando se é escrito um romance (principalmente no que diz respeito ao que é revelado ao leitor), ao escrever em um diário, o autor se preocupa apenas com o que ele quer mostrar, ao que a ele é importante e ao que a ele faz diferença, como observa Barcellos:

O diarista, obedecendo apenas ao seu próprio capricho, seguiria uma única ordem, aquela da cronologia. Seu olhar seria o ponto de observação do mundo e das coisas, e o registro de suas impressões em diário não obedeceria a regras estéticas, uma vez que não se pretenderia como obra. (BARCELLOS, 2009, p. 78).

Ou seja, um diário reflete a personalidade e o meio de quem o escreve: em *Quarto de despejo - diário de uma favelada* (1960), por exemplo, Carolina Maria de Jesus registrou o dia a dia da vida de uma favela de São Paulo nos anos 50, diário em que relatou a pobreza, a vida marginalizada daqueles que habitavam os barracões, um ou outro flerte e, com um número de entradas que se sobressai aos demais assuntos, a fome, porque era o que mais impactava o dia a dia da família:

**16 de julho**

... Não havia papel nas ruas. Passei no frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. (...) Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de Leão. Então recorro ao lixo. (JESUS, 2014, p. 93).

É necessário ressaltar, porém, que o livro não se resume apenas ao motivo que o deixou famoso — a premissa de representar fielmente a vida do pobre — e que, acima de tudo, ao lê-lo, deve-se lembrar que é um diário. Em uma entrevista contida no final da edição que li, Carolina respondeu, ao ser perguntada por que escrevia: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar, eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.” (JESUS, 2014, p.195).

Durante a mesma década, mas nos Estados Unidos — e em vários países europeus —, Sylvia Plath também manteve diários, mas que são de tom, forma de narrar e estrutura muito diferentes dos de Carolina, algo que é compreensível levando em consideração a diferença entre condições financeiras, qualidade de vida, nível de escolaridade e até a idade:

Segunda-feira, 7 de julho — A noite passada foi boa, não tão boa quanto a noite anterior, por causa da reversão, da troca de papéis. No sábado, após uma tentativa de jogar tênis sob o sol quente de julho, com a saliva espessa na boca e uma fraqueza inesperada e traiçoeira nas pernas, ele parou o carro na frente de sua casa e disse: “Você pretende dormir cedo esta noite, depois de tanto esforço?”. “Não”, você respondeu ao descer. “Gostaria de fazer alguma coisa. Cinema, quem sabe?” “Boa ideia. Vou adorar.” Ele vai embora e você sobe correndo. [...] (PLATH, 2017, p.132).

Enquanto as preocupações de Carolina eram, entre outros, voltadas à sua sobrevivência e ao sustento dos filhos, Sylvia se preocupava com seus estudos, casamento, amor, sexo e seu processo enquanto escritora, fazendo longuíssimas entradas sobre como sua vida podéria ou deveria ser (o sublinhar de palavras é uma de suas marcas, quando busca reiterar um argumento), muitas vezes prendendo-se no campo do imaginário e se entregando ao lirismo: diferente dos diários de Carolina, nos de Sylvia há também a presença de alguns poemas escritos por ela. Na edição compilada de seus diários entre 1950 e 1962, entre as mais de 800 páginas que mostram diversas épocas da escritora — de uma jovem recém-saída da adolescência que teve um beijo roubado em um celeiro à mulher adulta e casada com Ted Hughes, também poeta e professor universitário, por quem escrevia ser perdidamente apaixonada —, mas melancólica do início ao fim, retiro o seguinte trecho (já que não é possível transcrever por completo suas entradas) para exemplificação:

Algun dia serei grata por ter tido dois anos, dois anos pagos (esperamos) pelo governo para ler o que gosto e estudar francês e alemão e viajar para países distantes. Algun dia, quando estiver me desdobrando para fritar ovos, dar mamadeira ao bebê e preparar o jantar para os amigos do marido, pegarei um livro de Bergson, Kafka ou Joyce e me deprimirei com mentes que foram mais longe que a minha. (PLATH, 2017, p. 261).

Claro, pensando na escrita de Carolina Maria de Jesus, é necessário levar em consideração, também, que há diferença entre os manuscritos originais e a versão dos diários que chega às livrarias, uma vez que eles foram organizados, publicados e, principalmente, editados pelo jornalista Audálio Dantas, que utilizou de seu próprio juízo de valor para a seleção dos trechos (CORONEL, 2014)<sup>3</sup>. Já nos de Sylvia, no prefácio há uma constatação por parte da organizadora Karen V. Kukil (2017, p.10) em que salienta que “não há, nesta edição, omissão, supressão ou correção das palavras de Plath”.

Finalizando a leitura de diários, cheguei nos de Kafka, mantidos entre 1909 e 1912, onde o escritor registrou e opinou muito, por exemplo, sobre as peças de teatro

---

<sup>3</sup> O próprio jornalista, em uma prefácio contido na edição que tenho, de 2014, informa que retirou diversos trechos que falavam da fome, pois “aparece no texto com uma frequência irritante” (JESUS, 2014. p.8), acreditando, assim, que tornaria a leitura menos exaustiva.

que assistia, o relacionamento conturbado com o pai<sup>4</sup>, as saídas com seu amigo Max Brood, a insegurança que sentia com seu corpo, e, em uma das entradas que mais me chamou atenção, até mesmo sobre a escrita diarística:

Uma das vantagens de manter um diário consiste no fato de a pessoa se tornar consciente, com clareza tranquilizadora, das mudanças a que está constantemente sujeita, nas quais, é claro, em geral também acredita, das quais suspeita e que admite, mas que então sempre nega de modo inconsciente quando se trata de extrair esperança ou tranquilidade de tal admissão. No diário a pessoa encontra provas de que viveu, olhou em volta e anotou observações mesmo em situações que hoje parecem intoleráveis, ou seja, provas de que esta mão direita se moveu como hoje, quando é verdade, estamos mais prudentes graças à possibilidade de abarcar a situação de então, mas, por isso, temos de reconhecer tanto mais o destemor de nossas aspirações de então, que, não obstante, se conservaram em meio à pura inconsciência. (KAFKA, 2018. p.256-257).

Meus cadernos me acompanham já há quase sete anos, em que passei por várias fases, tive um ou outro relacionamento, viajei, encerrei amizades antigas e iniciei novas. Minha mão direita, já tão acostumada a se mover de acordo com o ritmo de meus pensamentos, registra minhas impressões dos acontecimentos através do filtro de minhas emoções. Passei sim, por momentos difíceis, dos quais sobrevivi e aprendi, e que são de mais fácil aceitação quando os leio com os olhos de um agora diferente do de antes.

Longe de querer fazer uma comparação entre os livros e os autores, trouxe-os como exemplificação para a variação a temática na escrita diarística e da vontade do autor de escrever. Reconhecendo em mim essa vontade, iniciei uma reflexão para saber em qual campo temático eu me incluiria.

### 2.3 EU E MEUS VÁRIOS MOTIVOS.

*19 de novembro de 2014 (traduzido do inglês)*

*Fui ao cinema com a Fabi e minha irmã. Assistimos A Esperança Parte I, o filme é simplesmente incrível!*

*Comprei este caderno e convidei a Camilla para ir ao cinema comigo.*

*Não fale com ele novamente.*

---

<sup>4</sup> Há, inclusive, uma nota de rodapé do tradutor dos diários, Renato Zwick, após uma entrada em que Kafka reclama da forma como o pai trata seus amigos, onde consta um trecho de *Carta ao pai* (1919) que, em outras palavras, relata o mesmo episódio (2018. p.182).

Quando iniciei minha escrita, não tinha pretensão alguma de mantê-la fielmente e não fazia ideia que algum dia a escolheria como tema de meu trabalho de conclusão de curso, visto que a primeira entrada, exposta acima (que está em uma página arrancada do caderno e que encontrei em uma caixa dentro de meu roupeiro), foi feita ao acaso.

Analisando minha própria produção, posso separá-la em três grandes partes: de 2014 a 2018, de 2018 a 2020, e de 2020 em diante. Assim o faria, pois não somente a temática abordada varia muito, mas também a forma de narrar, o foco e o comprometimento com a escrita diarística; além disso, é interessante, para mim, observar meu próprio desenvolvimento enquanto escritor, pois as primeiras entradas (e até um pouco antes de 2020), eram mais enxutas e discorriam pouco sobre o que observava, atendo-se mais a meus relacionamentos.

Enquanto durante os quatro primeiros anos produzi cerca de 82 páginas, de forma muito esporádica e sem um motivo específico para o registro, no ano de 2018, nos meses de junho, julho e agosto (em que estive no Peru), procurei fazer anotações com intervalos de, no máximo, dois dias — com alguns deslizes —, chegando à marca de 50 páginas em 52 dias de viagem, algo que até então não havia feito e nem imaginava que poderia. Sabia que seria necessário escrever com um intervalo tão curto porque, na época, já tinha consciência que acessar o passado é, para mim, uma tarefa um pouco difícil.

Ao apresentar, na parte IX de *O pacto autobiográfico* (2014), dentro do capítulo “Um diário todo seu”, as utilidades para a escrita diarística, Lejeune trouxe o seguinte ponto no que diz respeito a “conservar a memória”<sup>5</sup>:

É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro. Quero poder, amanhã, dentro de um mês ou 20 anos, reencontrar os elementos de meu passado: os que anotei e os que associarei a eles em minha memória (de tal forma que ninguém poderá ler meu diário como eu). (LEJEUNE, 2014, p. 302).

Identifiquei-me na citação, mas não por escrever de forma que somente eu entenda no futuro (não pergunte, também, por que escrevia em inglês, pois nem eu sei ao certo), mas por abordar assuntos que, passado algum tempo, seriam realmente

---

<sup>5</sup> As demais utilidades estipuladas por Lejeune são: “sobreviver”, “desabafar”, “conhecer-se”, “deliberar”, “resistir”, “pensar” e “escrever”.

interessantes revisitar e que, muito provavelmente, se não os tivesse escrito, seriam esquecidos.

A diferença de idade do primeiro registro para a entrada de 16 de junho de 2018 (primeira de minha parte criativa) é de pouco mais de três anos, praticamente a mesma que compreende o período da minha viagem para o período da escrita deste trabalho. A “utilidade” empregada, no entanto, é diferente nas três partes anteriormente estipuladas: Na primeira, utilizava as páginas de meu diário para desabafar (e isso compreendo hoje, através da releitura) e contar a “alguém” coisas que nunca disse: “o diário é um espaço onde o ‘eu’ escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2014, p.303), como no exemplo:

*17 de julho de 2016*

*Tive muitos altos e baixos na faculdade. Até agora, eu rodei em Anatomia Básica I e Biofísica, então, mesmo que eu continue estudando Enfermagem, eu não poderei aplicar para o programa de intercâmbio oferecido pela universidade. Eu chorei muito e tive algumas crises existenciais por causa do curso desde que visitei um dos hospitais da Santa Casa. Nós vimos pacientes internados em cuidados paliativos e foi muito mórbido. A maioria deles eram pessoas idosas e isso foi extremamente triste. Eu comecei a sentir náuseas no fim do tour e tive algumas sensações realmente muito ruins, como presenças e coisas do tipo.*

Na segunda, certamente escrevia para conservar a memória, mas não somente as boas, como as de minha viagem, como também as ruins. Queria poder, no futuro, encontrar quem eu fui no passado e poder dizer a mim mesmo que “ficou tudo bem”.

*Viamão, 04 de março de 2019.*

*Acho que durante umas duas horas eu fiquei deitado na cama, no escuro, socando a parede e apertando minhas mãos. Eu estava novamente a ponto de ligar para meus pais para eles me levarem à emergência psiquiátrica, mas acabei ligando para o Ernesto. Foi muito bom conversar com ele novamente e me fez muito bem. A pessoa que ligou era completamente diferente da que desligou. O “ruim” é que ao fazer isso, voltou todo o sentimento de amor, carinho e afeto que sinto por ele...*

*Hoje foi particularmente difícil também. Passei a maior parte do dia deitado, sem conseguir fazer absolutamente nada. E eu queria. Queria muito capinar o pátio, lavar a louça, dar banho na Tequila e mais um monte de coisas, mas só consegui ficar na cama assistindo Please Like Me.*

Já na terceira e mais atual, escrevo para pensar, me conhecer e me testar, sendo a escrita diarística uma de minhas atividades favoritas, que me é terapêutica e

com a qual ensaio diferentes tipos de escrita, sem precisar me preocupar com julgamentos alheios.

*Viamão, 09/04/2021.*

*Ele baixou a máscara e deixou-a sobre seu queixo. Sobre as pernas, posicionou uma toalha de rosto verde que tirou da mochila e, de uma sacola plástica também verde, tirou um sonho. Nunca gostei desse doce. Não gosto de doce de leite. A cada mordida que ele dava, inclinava o corpo para frente na intenção de não deixar os farelos caírem sobre suas roupas. Mastigava ferozmente e engolia os pedaços com auxílio da água que bebia de uma garrafa plástica.*

*“Filho da puta”*

*Se já estava com aversão pelo mau uso da máscara, depois disso, detestei-o como um todo. Pensei em chamar sua atenção, mas o que eu poderia fazer? A quem caberia adverti-lo? O motorista? Prestava atenção no trânsito. O cobrador com a tatuagem de uma gravura de origem asiática e penteado samurai? Esse até viu, mas foi tudo o que fez. Limitou-se a observar o homem mastigando o doce dentro da condução semi-lotada.*

#### 2.4 OS FINAIS DE UM DIÁRIO.

Escrever o cotidiano é dedicar-se à observação. A principal característica do diarista é a sua capacidade de “filtrar” seu mundo através de suas palavras e cada entrada pode abranger o período de um dia, uma semana, um período indeterminado, ou ainda não se referir a nenhum acontecimento, mas ser o espaço em que o autor escolheu para discorrer sobre seus pensamentos. Foi ao fazer a leitura dos diários de Sylvia, um “espaço” extremamente lírico em que ela registrava suas reflexões — muitas vezes melancólicas —, que encontrei a seguinte entrada:

*Sexta-feira à tarde: 28 de março: Uma semana inteira e ainda não escrevi nada aqui, nem me dediquei ao livro. Por uma boa razão. Pela primeira vez deixar de escrever o diário significou estar escrevendo. Há uma semana, na quinta-feira passada, fui tomada por um frenesi, bem no meu primeiro dia de férias, e esse arrebatamento não parou, desde então: escrevi e escrevi: fiz oito poemas nos últimos oito dias, poemas longos, líricos, e também poemas vigorosos: poemas que revelam minha verdadeira experiência de vida nos últimos cinco anos: uma vida que tinha sido calada, estava intocável, numa jaula de cristal rococó, para não ser penetrada. (PLATH, 2017, p.412).*

Além de me identificar com a afirmação de Sylvia que “deixar de escrever o diário significou estar escrevendo”, fiquei pensativo em qual seria o final de um diário,

além, é claro, do fim contido na morte do autor, uma vez que o final trágico de Sylvia é diretamente ligado à sua fama.

Em seus estudos sobre o “final” de um diário, Lejeune encontrou três pontos dos quais discorreu, sinalizando que um diário pode ter fim em: um horizonte de expectativas, sendo o diário vivido como escrita sem fim; com base no ponto de vista de sua relação com a finalidade; e o “fim como realidade” (LEJEUNE, 2014, p. 312).

Deixando de lado o final que prevê a morte, relaciono dois deles com os diários que li, sendo os de Sylvia e os de Kafka “generalistas”, uma definição que Lejeune trouxe como o diário que acompanha a vida do autor pelo maior período de tempo possível. No primeiro final estipulado, que chamou de “horizonte de expectativa”, o diário generalista pode encontrar alguns finais em relação ao suporte que o autor utiliza para sua escrita, como, por exemplo, quando o caderno termina e é necessário comprar outro. Porém, “virtualmente” sua escrita não teria fim, pois “toda escrita de diário pressupõe a intenção de escrever pelo menos mais uma entrada que, por sua vez, convocará a seguinte, e assim sucessivamente, sem fim...” (LEJEUNE, 2014, p. 313).

Já diários como os de Carolina (reiterando que *Quarto de despejo* é um diário editado), com um recorte específico de sua vida focada no dia a dia da favela, dizem mais respeito às finalidades, pois o diário já iniciaria com um “final programado”:

Diários de férias, de viagem; diários de trabalho ou de pesquisa; diário de retiro espiritual, gravidez, etc. A limitação desses cadernos é ao mesmo tempo cronológica e temática: são diários parciais, dedicados a um período, e centrados em uma zona de experiência particular: o eu ultrapassa o campo do diário e sobreviverá ao seu final. O problema do fim só é crucial nos diários “generalistas” escritos para acompanhar a vida o maior tempo possível. (LEJEUNE, 2014, p. 313).

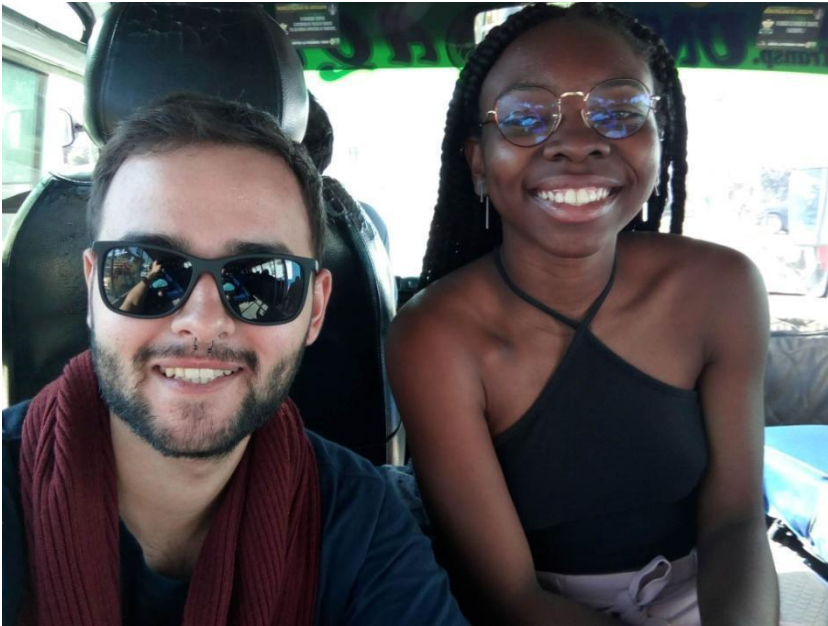
Quando um diário generalista chega ao fim, então, entende-se que o seu autor ou não tem mais as condições físicas e mentais para manter seu diário, ou já não está mais vivo para tal prática, configurando o “final como realidade”. Claro, analisar diários sobre a perspectiva de “generalista” ou com uma finalidade específica parece dizer que só há um ou o outro, mas as páginas dos cadernos assumem diversas, novamente, refletindo o que deseja seu autor.

Com este trabalho de conclusão, tive a oportunidade de rever um trecho de minha vida no qual meus diários foram, de fato, de um tema específico. Por conta da releitura, pude passar mais uma vez pelas *calles de la ciudad blanca*: as pedras



escorregadias das calçadas; as altas paredes dos prédios do Centro, construídas a partir da rocha vulcânica *sillar*; a múmia Juanita (por mais desprezível que sua aparência fosse, com todo o respeito aos corpos mumificados); as kombis sempre, sempre, sempre lotadas e com músicas alegres; o ar com cheiro de fumaça; a comida que era basicamente composta por carne e batatas; os amigos que fiz; a família que ganhei. Tudo me é ainda claro e nítido, mas somente por ter me disposto a passar, no mínimo, de meia à uma hora por dia escrevendo minhas desventuras e desamores da primeira experiência internacional solo que tive.

Três lugares eram meus favoritos na cidade: *Los claustros de la Compañía*, a *Plaza de Armas* e o *mirador de Yanahuara*. No último, um mirante localizado em um ponto bem alto, mas fora do Centro, onde é possível observar dois dos três vulcões que circundam a cidade (Chachani, Misti e Pichu Pichu), há um monumento no formato de arcos. Em um deles, talhado na pedra, pode-se ler: “*no se nace en vano al pie de un volcán*”. A frase, que conheci somente nos últimos dias do projeto e em momento em que não tive oportunidade de a fotografar, é, para mim, uma das mais memoráveis que algum dia já puderam me traduzir: o Felipe Zanini que viajou ao Peru em 2018 não é o mesmo que voltou, pois renasci aos pés de não um, mas três vulcões, ao lado de uma família composta por cinco irmãos, pai e mãe, em um país de cultura e hábitos completamente distintos do meu, onde vivi aventuras que há muito ansiava, conheci pessoas que me deixaram marcas permanentes e que para onde certamente um dia irei retornar.



**Lima, 16 de junho de 2018.**

Querido amigo,

Neste exato momento, estou em uma espécie de praça de alimentação, no aeroporto de Lima, pois finalmente chegou a hora da minha viagem. O primeiro voo foi muito exaustivo. Eu estava sentado na fileira que fica em frente às saídas de emergência, então a minha poltrona não era reclinável. Além disso, eu estava no assento do meio, entre dois homens grandes, o que me deixou um pouco desconfortável. O aeroporto daqui libera 30 min de wi-fi gratuito, assim pelo menos consegui falar com meus pais quando cheguei. Tem também uma opção de wi-fi pago que é para ser super rápido e não-sei-o-que-mais. Talvez eu compre, porque cheguei aqui em torno das 09:00 (horário local), depois de um voo de cinco horas e tenho que esperar mais ou menos até às



19:00 para o voo para Arequipa. Escrever isso me lembrou que não mandei para o Hugo (meu host) o número do voo. Acho que realmente terei de comprar.

Pretendo te escrever todos os dias durante a viagem, mas não garanto, hehe.

(aparentemente os peruanos não têm barba).

Com amor, Felipe.

**Arequipa, 17 de junho de 2018.**

Querido amigo,

O aeroporto de Arequipa é ainda menor que o de Lima. Quando cheguei, encontrei o Hugo no saguão, onde ele me esperava com uma plaquinha (ele fala português e tem um sotaque que nunca tinha escutado antes, mas que gostei). Tinha







vários taxistas lá que estavam falando bem alto, em sua maioria oferecendo viagens a um “Plaza de armas” a preços mais baixos, mas o Hugo os dispensou, até que nós quatro (nós dois mais a Lourdes, host de uma intercambista da Bolívia que veio no mesmo voo que eu) definíssemos em quantos carros iríamos para o Centro. Já do lado de fora, após optarmos por dois levando em consideração o tamanho das malas, ele

pechinhou o valor que seria cobrado para nos levar até sua casa, algo que a princípio não entendi muito bem, mas depois ele contou que no Peru tem um limite de valor que podem cobrar dos passageiros. Entramos em um carro super pequeno, sem cintos de segurança e que parecia ter passado por algum acidente (pois estava com as portas amassadas) e fomos para casa.

Todos me receberam muito bem! Dos irmãos do meu host: o mais velho é o Beto, que tem 26, seguido do Pepe (irmão gêmeo do Hugo), de 22 e, por último, Víctor Hugo, que tem 18. Além deles, do pai e da mãe, ainda mora o José, um amigo do Pepe (não quis perguntar o porquê), em uma casa bem grande no bairro de Socabaya. O quarto que eu estou é compartilhado com o Hugo e o Pepe, cada um com sua cama de casal. Da janela do quarto dá para ver um dos vulcões que rodeiam a cidade e a cortina que eles usam é uma bandeira do Uruguai (ou Argentina, nunca sei dizer). Na parede, o Hugo escreveu uma coisa que realmente me tocou.

### *Proyecto Libertad*

- *Libertad financiera*
- *Hacer libre a mamá y papá*
- *Viajar a Brasil*
- *Ayudar a muchas personas a soñar*
- *Llevar luz de esperanza a muchas familias*
- *Llegar a incluir en muchas personas*
- *Llevar a mamá por el mundo*
- *Llevar a papá a las partidas de sus idolos en el mundo*
- *Comprarle la casa de sus sueños a mis padres*

- *Ganar el bonoviaje de NAOW*
- *Diamante NAOW en diciembre 2019*

Tudo bem que as últimas duas eu realmente não faço ideia do que sejam, mas as outras metas do seu projeto me chamaram bastante atenção. Ele me parece ser uma pessoa muito, muito boa, além de muito querido.

Depois que cheguei, conheci a família, organizei minhas coisas e tomei um bom banho (quente! O pessoal da AIESEC de SM avisou que as casas do Peru não costumam ter água quente, então dei sorte), Pepe, Hugo e eu pegamos um táxi para o centro para irmos a uma festa chamada Forum, que fica próxima ao Plaza. No fim, não conseguimos entrar por causa do horário, e voltamos em seguida, mas pelo menos deu para ver um pouquinho dos prédios daqui, e eles são lindos! Aliás, Arequipa é muito antiga, com seus mais de 460 anos, o que é bem perceptível nas construções.



Hoje foi o dia dos pais aqui. O pessoal da casa fez um almoço (que aconteceu às 16:00) para em torno de 10 pessoas e meu deus! O prato dos peruanos consiste praticamente em carne, e eles comem muita! Porque a família já sabia que sou vegetariano, se prepararam para me receber com um enorme prato de salada, ovos cozidos e legumes. Estava ótimo. Antes do almoço eles projetaram o jogo do Brasil contra a Suíça em uma parede da sala, algo que gostei muito, por mais que eu não seja muito chegado em



futebol (assisto vez que outra, mas somente durante a Copa). Tive a sensação de que eles fizeram isso para que eu ficasse mais confortável, mais em casa. Aliás, a primeira música que ouvi quando coloquei os pés em Arequipa foi “Olha a explosão” que, ironicamente, estava tocando no aeroporto. Eles escutam muito funk por aqui também. Ouvi tocando um em um programa da tevê local.

Acho que é isso. Amanhã eu volto.

Com amor, Felipe.

### ***Arequipa, 18 de junho de 2018.***

Querido amigo,

Hoje na verdade já é dia 19 (faz pouco que passou da meia noite), mas ontem não consegui escrever, então hoje provavelmente haverá sessão de escrita dupla.

Ontem (18), pedi ao Hugo que me deixasse ir com ele até a universidade onde está tendo aulas porque não queria ficar “sozinho” em casa e porque queria ver mais um pouco do centro. Pegamos uma combi cor-de-rosa em uma pracinha umas três quadras pra baixo da casa e descemos na UNSA (Universidad Nacional de San Agustin), que é uma espécie de UFRGS daqui, onde ele está fazendo um curso de Excel. No caminho, ele contou que tem graduação em engenharia de minas, mas que



estudou em uma outra universidade, católica e privada, como a minha. O campus que ele me levou era bem grande e lembrou muito universidades americanas de filmes, só que com mais pessoas. Enquanto ele estava em aula, em um prédio bem distante da entrada, fiquei esperando do lado de fora, deitado na grama, ouvindo música. Eu estava de olhos fechados, então não vi quando ela se aproximou, mas quando virei a cabeça para o lado e abri os olhos, dei de cara com uma pomba. Eu me assustei e sentei. Quando olhei para o outro lado, uma moça que estava sentada mais longe e que eu não tinha visto chegar, pareceu rir. Quando contei ao Hugo, depois que ele saiu da aula, ele riu e disse que eles chamam

“pomba” de “paloma”, o que me fez rir, e ele riu da minha risada. Depois disso, nós voltamos pra casa para almoçar (isso em torno de 15:30). O Hugo saiu um pouco antes da comida ficar pronta, então almocei acompanhado do Beto e do José. Foi divertido porque eles queriam conversar comigo e usamos o google tradutor para isso (eles ficaram muito surpresos quando descobriram que, em português, “pavo” significa “peru”). Depois de um bom tempo conversando, fomos para o quarto, onde nós (com exceção de Victor Hugo e Hugo — que estava malhando —) assistimos dois filmes. O primeiro era realmente interessante, sobre um menino com depressão que se internou

em um hospital psiquiátrico por conta própria. Se não me engano, o nome era “it’s kind of a funny story”. O segundo era bem chato, uma comédia americana sobre policiais negros. Dormi no meio do filme. Ah, também tive um momento na combi da volta, junto com o Hugo, em que conversamos sobre namoro e afins. Não quis dizer a ele que sou gay ali dentro, porque não sabia qual poderia ser a reação das outras pessoas caso escutassem, mas tenho certeza que ele seria de boa.

Estou no Plaza de Armas esperando para o IPS (incoming preparation seminar).

Com amor, Felipe.

### ***Arequipa, 19 de junho de 2018.***

Querido amigo,

Hoje na verdade já é dia 20, mas pelos mesmos motivos de ontem, acabei não escrevendo, hehe.

Ontem (19) eu finalmente conheci algumas pessoas da AIESEC. O IPS, que é um evento que os staffs (pessoal da AIESEC Arequipa) organizam com os trainees (intercambistas) no início dos projetos, aconteceu com o pessoal que ainda não havia



tido. Pelos grupos de Whats, fiquei sabendo que faço parte do segundo grupo de intercambistas de junho, sendo que o outro chegou na primeira quinzena. Eles haviam marcado de se encontrar no Plaza (onde estou agora) às 03:00 PM, mas eu estava aqui desde às 01:00 PM, e não encontrei ninguém. Então, às 03:10 PM, decidi ir caminhando até a UTP (Universidad Tecnológica del Perú), onde evento aconteceu. Consegui um mapinha do Centro com a atendente de uma agência turística. Ela circulou onde a universidade ficava e só assim consegui chegar lá (me senti muito turista pedindo informação e andando para cima e para baixo com um mapa, o que foi divertido). O IPS

foi legal. Acho que a primeira coisa que fizemos foi falar da cidade. Os prédios que ficam no Centro são, na sua grande maioria, feitos de uma rocha vulcânica chamada sillar, que é branca. Por isso Arequipa é chamada de “la ciudad blanca”. Nos alertaram também sobre as notas de dinheiro falsas, ensinando meios para verificar se são verdadeiras ou não (aparentemente isso é um grande



problema aqui) e pediram para que cuidássemos com os táxis clandestinos, sempre que possível pegando Uber para voltar das festas. Fizemos uma dança bem esquisita na qual eu simplesmente não conseguia me soltar (acho que preciso de álcool para isso), mas também houve apresentações e uma dinâmica que não muitos entenderam, porque a grande maioria deles não fala espanhol. Tinha pessoas de várias nacionalidades, como Brasil (eu), Camarões, França, Bolívia, México, Japão e



Estados Unidos. Tem um americano chamado Tyler que meu deus do céu, que guri lindo. Também fomos apresentados aos projetos que faremos parte (o meu é o Raise Your Voice, mas também tem o Live and Learn e o Eco Change), e os coordenadores da AIESEC Arequipa, Steph e Smish. Vou trabalhar com a menina de Camarões,

que mora na França. Seu nome é Andrea e ela me pareceu bem divertida. Eu me senti um pouco culpado pelo Hugo porque o coitado ficou me esperando na universidade até o final do IPS, com fome e com frio porque o evento terminou à noite. Por sorte, eu tinha levado um casaco a mais comigo e emprestei para ele. A temperatura oscila muito aqui, sendo bem quente durante o dia e bem frio à noite, então é bom sempre ter um casaco mais pesado na mochila se passar o dia inteiro fora. Quando chegamos, o host pai preparou um jantar MARAVILHOSO. Tinha soja, brócolis, papas fritas, cebola e arroz. Depois, o Beto e o Hugo saíram para jogar em uma lan house e fiquei sozinho com o Pepe, mas por pouco tempo, porque o José chegou em seguida e fomos assistir alguma comédia americana sem graça novamente (o Pepe parece adorar esses filmes).

Eu estou no Plaza de novo esperando pela Andrea e pelo Gustavo (arequipeño), que é o responsável pelo projeto. Ele vai nos levar até lá, como é de praxe ser feito no primeiro dia dos intercambistas. Depois te conto como foi.



Com amor, Felipe.



**Arequipa, 22 de junho de 2018.**

Querido amigo,

Não pude escrever nos últimos dois dias.

Antes do Gustavo chegar, encontrei a Andrea com suas hosts (Antuane e sua mãe) e elas nos mostraram um pouco do Centro. A mãe nos deu queijo helado com canela — algo que eu estava bem receoso de comer, primeiro porque não era propriamente sorvete; segundo porque não sou muito fã de canela; e terceiro porque, assim como em qualquer outra banquinha que vende comida pela rua, as condições de higiene não são nada parecidas com as do Brasil... — que comprou de uma senhora que estava vendendo em frente à entrada de uma praça interna do Plaza, onde vendem artesanatos e alguns outros produtos.

O projeto finalmente iniciou! Nós estamos indo para essa escola próxima ao aeroporto (20-30 min do Plaza). O Gustavo nos disse que para descer na escola, precisamos dizer “baja colegio” ao cobrador, porque eles não usam muito as paradas. O trajeto até a escola é caminho para o aeroporto, então acredito que tenha passado por lá quando cheguei. De dia é mais interessante porque dá para ver os vulcões. Passamos por vários bairros das mais diversas condições sociais. Para chegar na escola, descemos na avenida e a atravessamos, cruzamos uma linha de trem e descemos até o final de uma rua perpendicular à avenida. Iremos atender tanto turmas quanto alunos que necessitam de uma atenção maior. Essa semana está sendo trabalhado bullying, semana passada foi autoestima e na próxima é violência doméstica.



Tem cinco trainees que chegaram antes de mim e da Andrea, são eles: Justin, Caleb, Lauren e Sahiba, dos EUA; e Sophia, da Colômbia. Eles são bem legais e até agora tem sido bem divertido trabalhar com eles. As crianças aplaudiram toda vez que nos apresentamos para as turmas. Elas ficavam muito empolgadas e pediam que

falássemos mais sobre nossos países de origem. Eles amavam a introdução do Justin, que era tipo “Hi, I’m Justin and I fell off a volcano” porque... bem, ele caiu enquanto fazia um passeio com sua host family a um dos vulcões e estava com o rosto cheio de pomada, mas não era nada tão dramático assim quanto ele dizia. Quando era minha vez, eles ficavam muito animados por eu ser brasileiro e, numa das turmas, duas meninas ficaram “loucas” quando eu contei isso (ahahaha, coitadas!). Depois do projeto, dei uma passada rápida em um bar/hostel chamado Wild Rover, que é aparentemente o lugar onde todos os intercambistas vão beber durante a noite, e depois a Lourdes me ensinou como pegar a combi para voltar para casa, dizendo que eu deveria perguntar ao motorista se “va para el paradero La Campiña?”. Fiquei feliz, porque foi a primeira vez que consegui pegar uma condução sozinho, só foi um pouco estranho a parte que o motorista ficou me trovando e pediu para eu adicionar ele no Face (exclui a solicitação quando pisei fora da combi). Ah, claro, a maldição do Viamonense é ir para um país estrangeiro e mesmo nele pegar ônibus lotado. As combis são minúsculas (algumas até são minivans) e estão sempre, sempre lotadas. As pessoas chegam a ficar penduradas do lado de fora às vezes. A maioria delas tem caixas de som e fica tocando músicas animadas, mas já ouvi Roberto Carlos umas duas vezes. O mais engraçado, com certeza, são os cobradores, que estão sempre gritando “Avanza! Avanza!” para os motoristas, mesmo em situações impossíveis de se mover (o trânsito é um caos total), ou a sequência “baja, baja, baja”, acompanhada do mover de mãos, indicando que quem descesse, fizesse isso mais depressa.



Ontem (21), depois do projeto, encontrei o Lyncon e a Lourdes no Plaza para treinarmos para a Global Village, um evento que acontece em um shopping, organizado pelos staffs, em que montamos estandes com comidas típicas do país de origem dos intercambistas e fazemos apresentações. Ela acontece hoje à noite. Depois que encontrei os dois, saí para beber com a Andrea, Antuane, Manoom (melhor amiga da Andrea que também veio fazer intercâmbio) e o Nicholas, que é host dela. Compramos uma tequila na rua e ficamos muito loucos (na verdade, não pode beber na rua, então usamos um saco de papel para esconder). Depois, entramos de

graça no Fórum, onde havia apenas nós cinco. Dançamos muito e nos divertimos.



Beijei a Antuane e a Manoom. Nada de mais. O Hugo estava próximo do Centro e me deu uma carona de volta junto com o Pepe, no carro de um amigo deles. Acho que o fato de eu estar borracho nos aproximou bastante, o que de certa forma é legal. Antes da festa, descobri que os caminhões de lixo da cidade

tocam músicas da Disney enquanto ficam circulando. O que passou por mim tocou uma música de “A pequena sereia”.

Estou no Starbucks escrevendo e preciso encontrar o Lyncon no shopping. Marcamos às 15:00. Tenho certeza que vou me atrasar. Enfim, por enquanto é isso.

Com amor, Felipe.

### ***Arequipa, 24 de junho de 2018.***

Querido amigo,

Global Village foi muito legal! Vários países fizeram apresentações e tudo mais. Para o Brasil, o Lyncon e a Ilda (brasileira que chegou na sexta) dançaram Wesley Safadão e ensinaram dois peruanos a dançar. Fizemos caipirinha com a cachaça que trouxe do Brasil e oferecemos ao pessoal que passava no shopping. Enrolamos alguns brigadeiros também, que foram comidos bem rápido. Mas



o mais legal da Global Village foi o que aconteceu depois: a Drinking Village, uma festa para o pessoal dos projetos que foi organizada na casa de uma das staffs. Estava muuuuuuito legal. Fizemos drinking games e dançamos bastante. Eu fiquei bêbado e a Sophia acabou chamando um Uber pra mim. Eu estava tão mal que dormi no carro no instante em que entrei. Quando o motorista parou, me acordou e perguntou se o local onde estávamos era “ok” e eu disse “ok” apenas ao olhar pela janela e achar parecido com o entorno da minha casa. Quando desci do carro, olhei o Maps no celular e tentei me guiar, mas estava tão bêbado que fui na direção errada e só percebi 15 minutos depois, quando parei e olhei o Maps novamente. No fim, liguei para o Hugo e



ele me encontrou com os irmãos dele. Fiquei morrendo de vergonha e pedi desculpas várias vezes.

Ontem (23) combinei com a Manoom de dar uma volta pelo Plaza e fazer algumas fotos e foi bem legal. Tivemos um papo muito legal e fiz umas fotos boas também.

No momento, estou no Starbucks esperando um pessoal do projeto para jantar. Acho que é isso.

Com amor, Felipe.





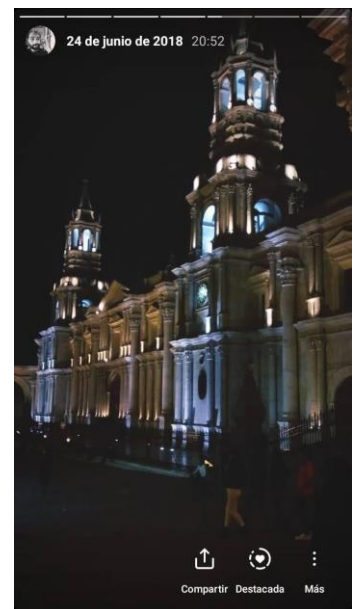
***Algum lugar do Peru, 28 de junho de 2018.***

Querido amigo,

Neste momento estou em um ônibus me dirigindo à cidade de Ica, pois, por algum motivo, decidi que faria pelo menos uma viagem aqui.

Bueno, algumas coisas aconteceram nos últimos dias desde a última vez que te escrevi.

As saídas durante a noite têm se tornado algo frequente para mim, o que é algo ruim, uma vez que não tenho tanto dinheiro assim para gastar, hehe. No domingo (24) à noite, saímos Allison (americana), Aviva (indiana), Sophia, Caleb, Gustavo e eu para jantar. Fomos a uma pizzaria próxima ao Plaza e foi uma noite muito divertida. Finalmente provei a Inca Cola, o refrigerante daqui. Parece detergente de tão amarelo que é (se visse em uma prateleira







de mercado, passaria batido) e o sabor é de um tutti-frutti que me lembrou o Guaraná Jesus. Outra peculiaridade do Peru é um milho roxo que eles usam para fazer uma bebida chamada chicha morada. O Beto me ofereceu de manhã, mas não tive coragem de provar.

Segunda (25), a Lauren anunciou para nós (do Raise Your Voice) que ela não iria terminar o projeto e que iria viajar para algum outro país, então nós saímos perto do Plaza para fazer uma despedida para ela.

Na terça (26), um aluno da escola foi conversar conosco e nos perguntou como fazia para trabalhar na Nasa. Ah, uma coisa que temos visto é que tem um grupo de alunos treinando uma dança típica para uma apresentação, mas não sabemos quando vai ser. O “problema” da dança é que ela envolve um grupo de alunos acertando o outro com chicotes, o que parece muito doloroso. A Sophia já reclamou à diretora que achava perigoso para as crianças, mas não deu em nada. Ainda na terça, mas à noite, fui para casa porque prometi ao Hugo que jantaria com ele. Próximo de uma hora da manhã, os meninos me acordaram porque eles



começaram a gritar e correr pela casa. Eles têm costume de dormir bem tarde, então quando começaram a gritar eu achei que estivessem brincando de alguma coisa, sei lá, não entendi muito bem o que estava acontecendo. O Hugo apenas gritou para que eu ficasse acordado. Na hora eu já fiquei com medo. Os pais estão viajando em algum país da fronteira do Peru por causa do trabalho da mãe (ela se chama Maruja e viaja por vários lugares fazendo curas e trabalhos espirituais com as pessoas. O pai, Pepe, sempre a acompanha), então estamos somente nós seis em casa. Vesti minha calça e desci para o

primeiro andar, mas eles tinham saído para a rua e me deixado sozinho. Fiquei

fazendo carinho no Chillow (cachorro deles) e conversando com ele enquanto esperava. Quando os cinco voltaram, o Hugo contou que haviam entrado na casa e roubado um notebook velho que estava na sala. Eles estavam muito nervosos com a situação e não paravam de falar em um espanhol muito rápido, e do que eu consegui pegar da conversa, o Beto ouviu quando eles tentaram quebrar a fechadura (pois seu quarto fica acima da porta de entrada da casa) e desceu para ver o que era. Quando os viu, começou a gritar e os afugentou, mas não antes de eles conseguirem entrar na sala e pegar o computador. Eu fiquei sinceramente com muito medo e só consegui dormir depois das 02:30, quando a polícia já havia vindo ver o que aconteceu. O Pepe era um dos que mais falava e, de tudo que disse, peguei alguma coisa como “Socabaya não é mais a mesma. Aqui não era assim. As coisas eram bem diferentes”.

Quarta à noite (ontem), foi noite de karaokê no Wild Rover. O pessoal gosta muito dessas noites porque todo mundo fica bêbado e sobe no bar para cantar. A essa altura, todos os meus colegas do projeto sabem que eu tenho um crush pelo Tyler, e a Aviva ficou o tempo inteiro dizendo que ele estaria lá, então pensei “ah, por que não?” (a propósito, passei por ele no Tinder e dei like, mas até agora não rolou match). Chegamos no Centro depois do projeto e fomos jantar nesse lugar vegano que a Sahiba nos indicou, onde servem salada, sopa e massa ou lasanha por 10 soles! Depois do jantar, fomos direto para o bar, onde bebemos muito e nos divertimos. Fiquei com a Sahiba (ela forçou minha mão contra seu peito enquanto a gente se beijava, o que me fez rir) e com o James, mas somente por diversão mesmo.

Ah, eu também estou quase sem voz há alguns dias (diria que apenas 10%), porque o ar da cidade é muito poluído. Quando passo por algum local com muita fumaça, uso meu cachecol para proteger a garganta, mas não está adiantando muito. Acho que vou ter que procurar atendimento médico nos próximos dias. Estou no ônibus e a previsão de chegada é de 10:00 da manhã (são 23:37 agora). Estou sentado ao lado de um desconhecido e todos os meus amigos de projeto estão no fundo.

Divertidíssimo.

Com amor, Felipe.

***Arequipa, 5 de julho de 2018.***

Querido amigo,

*Entonces*, Ica foi divertidíssimo.

Chegamos na sexta (29), em torno das 09:00 da manhã, e fomos direto para o hostel. Quando o pessoal ainda estava se organizando, comprando passagens e reservando os quartos, eu tentei fazer o mesmo, mas ambos aceitavam somente Visa (meu cartão é Master), então pedi a uma Lauren que estava no grupo do Whats, crente que era a Lauren do meu projeto, que o fizesse por mim. Errei feio, errei rude. Era uma outra Lauren, que eu havia visto somente uma vez e não conhecia tão bem assim, portanto, quando ela reservou o quarto, reservou junto com o seu grupo de amigos, um bando de trainees da primeira quinzena de junho que eu só havia conversado



uma vez (com exceção da Sahiba, que faz o projeto comigo): Karl, chinês que mora no Reino Unido; Tanay, indiano que mora nos Estados Unidos; Grisel, mexicana que mora nos Estados Unidos; Grace, Lily, Derek, Sahiba e Lauren, todos americanos. Diferente do outro grupo de trainees que também fez a mesma viagem, mas ficaram em um airbnb na cidade de Ica, o hostel que estávamos hospedados era dentro do oásis de Huacachina. O oásis em si é acessado através de uma única estrada, onde paramos para fazer algumas fotos. A vila foi construída na volta da laguna, no deserto, e ela fica bem no meio de um vale de areia formado por dunas muito altas. O lago é muito bonito e tem um “calçadão” que faz a volta em quase toda a sua extensão, onde ficam várias lojinhas de artesanato e restaurantes.

Logo que chegamos, fizemos amizade com o filho do dono do hostel, Fernando (que estava nitidamente flertando com as americanas). Ele nos ofereceu uns passeios bem legais e acabamos aceitando. Ao meio dia, depois de explorar um pouco o Oásis, fomos para o primeiro deles: um passeio de van (dirigida por Fernando) pelos vinhedos de Ica. Visitamos três deles e ganhamos amostra “grátis” (entre aspas porque pagamos para entrar) de várias bebidas, o que deixou todo mundo meio tonto.



Havia vinho de todo tipo, assim como licores. Também aprendemos a beber pisco: trancar a respiração, engolir o shot de uma vez só e soltar a respiração. Antes desse passeio, o Fernando nos levou até um ponto turístico onde fica uma árvore de seis pernas. Se bem entendi, há uma lenda que quando a sétima perna brota, o oásis é inundado.

Voltamos desse passeio por volta das 15:30. Às 16:30 fomos para o próximo e melhor de todos: buggy pelo deserto de Huacachina. Eu nunca havia andado de buggy antes, então foi uma experiência massa, mais ainda porque eu fui na última fileira, junto com a Grace, Lauren e Derek, que é a que tem mais solavancos e batidas. Como tínhamos um lugar sobrando, o Fernando nos acompanhou nesse



passeio também. Ficamos um bom tempo subindo e descendo dunas em velocidade muito alta (o que me causava muito frio na barriga e fez o Derek perder o boné dele por conta do vento). Paramos várias vezes para tirar fotos nas mais diversas poses (numa delas a Lauren me acertou sem querer com seu cotovelo e tiraram a foto bem na hora que isso aconteceu). Passamos por



um lugar que parecia ser uma antiga vila, mas que foi abandonada há muito tempo. De lá, sobraram apenas ruínas de antigas construções e uma estrada de pedras também abandonada. Tive vontade de descer, mas não paramos por lá. Em vários momentos, porém, paramos no topo de dunas bem altas e fizemos sandboard, o que é muuuuuuito divertido. A velocidade com que descemos as dunas é absurda. Não consegui e nem tentei descer em pé, mas deitado foi o suficiente, até porque na terceira descida eu perdi o controle e rolei algumas quatro ou cinco

vezes, o que encheu minhas roupas de areia (mas nada comparado à Lily, que rolou uma duna do topo até a base, ficando com o rosto e cabelos completamente sujos). Ficamos passeando pelo deserto até quase anoitecer. Quando o sol começou a baixar, todos os buggys que estavam com turistas foram para o alto das dunas que cercam o oásis e de lá de cima vimos o pôr do sol. As luzes da vila iam se acendendo aos poucos, iluminando o vale de areia, mas elas não subiam mais que a extensão dos postes, então quando já estava bem escuro e todas as luzes estavam acesas, era como uma “bolha” iluminada no meio do deserto. Foi uma visão muito bonita. Como todos os turistas começaram a se encontrar, o outro grupo de trainees, que tinha a Drea, a Sophia, Caleb, Justin e alguns de meus outros amigos, se juntaram a nós e fizemos uma foto de grupo.



À noite fomos para um restaurante onde comemos pizza e bebemos vinho. Acho engraçado como o álcool me deixa mais seguro para falar outros idiomas. Na caixa, eu ajudei a atendente a separar os pagamentos porque eu era o único que “falava” espanhol. Depois, demos uma passada rápida no “Huaca Fucking China”, onde o outro grupo de trainees estava, mas voltamos para o hostel em seguida e ficamos conversando na volta da piscina.

No sábado (30), acordei bem cedo e tomei banho. Como seria o único a fazer isso (não foram poucas as vezes em que zoei os americanos por terem optado por não tomar banho depois de um longo dia no deserto) antes de sairmos para Paracas, combinei com o pessoal do quarto que os acordaria no horário marcado. Às 06:30

coloquei “The lion sleeps tonight” para tocar no volume máximo, ao melhor estilo alvorada de acampamento. Tomamos café em um restaurante próximo ao píer de onde sairíamos para o primeiro passeio (não me pergunte como, mas os americanos conseguem se fartar de salchipapas no café da manhã e não passar mal depois). Eu não sabia muito bem o que nós iríamos fazer, então eu só fui seguindo as pessoas. Era bem cedo e estava frio, porque estava nublado. Enfrentamos duas longas filas (uma para conseguir o ingresso para o passeio e outra para passar as catracas que dão acesso ao píer) e, quando finalmente entramos nos botes/lanchas, não havia lugar para todos ficarem juntos, então me sentei com desconhecidos na parte de trás. Estava sentado no canto direito do bote, havia muito vento e, por conta da velocidade que estávamos, a água se projetava de maneira que se eu ficasse olhando, ficava com medo.





O passeio pareceu durar uma eternidade, mas foi bom. Fomos para perto de umas ilhas onde vivem pinguins, gaivotas e leões marinhos (mas não enxerguei os últimos) e, de longe, vimos um tridente gigante e alguns outros desenhos feitos na areia.



A segunda parte era um passeio terrestre pela Reserva Ecológica de Paracas, um lugar enorme, cheio de areia vermelha, praias lindas e muito vento. Chegamos e nos concentramos em frente a um museu, onde o guia turístico que dirigia o ônibus nos deu algumas orientações — como o uso de bonés e protetor solar, além, é claro, de que os atrasos na volta ao ônibus após as paradas ao longo da praia não seriam tolerados e que o uso dos banheiros era cobrado. Ficamos lá até às 14:00, visitamos praias de águas geladas, longos e altos penhascos, miradores e algumas trilhas que levavam a pontos altos que davam fotos boas. Bebemos cerveja em um bar lotado de turistas enquanto assistimos a um jogo da Copa. Depois voltamos para o Oásis.



À noite, fomos ao Huaca Fucking China novamente e encontramos o outro grupo de trainees. Jogamos jenga com os maiores blocos que já vi e bebemos um pouco. Como o pessoal do meu grupo não estava curtindo muito, voltamos para o hostel em seguida. Mais tarde, saí para caminhar um pouco e encontrei com a Sophia, o James e mais um intercambista que não tinha falado ainda, Austin. Eles estavam todos muito bêbados e foi, para dizer o mínimo, muito engraçado. Cruzei com eles quando passava na quadra de trás do hostel que eu estava. Perguntei pelos demais, porque não os havia visto ainda e minha resposta veio através de gritos vindos da duna atrás de nós. Quando olhei para lá, vi somente luzes dos celulares para indicar onde eles estavam e ouvi as vozes da Drea, da Aviva e dos outros, que riam muito. A Sophia contou que eles estavam apostando corrida para ver quem chegava no topo primeiro, mas todos estavam bêbados demais pra conseguir isso. Quando viram que não iriam mais conseguir subir, começaram a descer e quase todos (com exceção da Drea) perderam o equilíbrio e rolaram duna abaixo. Foi engraçado porque a Nikki (filipina) ficou completamente coberta de areia, a Aviva vomitou e a Allison quase caiu onde o Austin tinha mijado antes.

Domingo foi para turistar e passear. Ficamos no oásis o dia inteiro e aproveitamos para relaxar bastante. Tomei sorvete com o James (que achou muito estranha a existência de sorvete de menta chip e de chiclete, alguns de meus sabores favoritos), tirei algumas fotos do pessoal que andava de pedalinho no lago, comprei um colar artesanal que a Grace disse ser “so dope” e um diário (um caderno com uma capa de tecido ao melhor estilo peruano) que quero dar de presente para a Andrea, porque ela gosta que eu escreva no meu e gostaria que ela também escrevesse.



Segunda (2) foi um dia bem normal. Fui para o projeto e depois para casa, mas o mais interessante foi o match no Tinder que ganhei, porque foi com o Tyler. Não imaginava que isso fosse acontecer, mas vou admitir: adorei. Mas não o chamei, pois não sabia como iniciar a conversa.

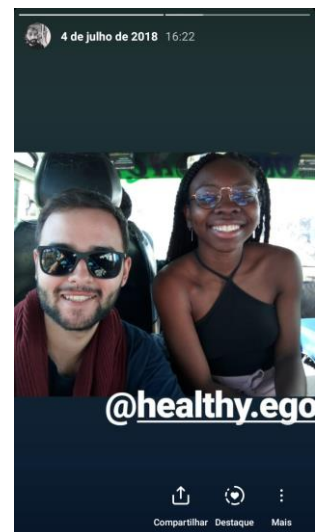
Terça (3) vim mais cedo para o Plaza porque gosto de passar um tempo aqui antes do projeto e agora estou no Starbucks. Acabei encontrando a Manoon e a Brooke, que fizeram o IPS comigo e que fazem parte do mesmo projeto que o Tyler, e mostrei a elas o match. Bolamos um plano infalível para que ele viesse falar comigo: “acidentalmente” esqueci meu cachecol com elas (eles teriam uma reunião em uns 15 minutos) e elas pediram que ele me entregasse à noite, pois tínhamos uma Lead session, aquelas palestras sobre lideranças oferecidas aos trainees pelos staffs (O Caleb riu muito da minha cara quando contei isso no projeto e perdi a conta de quantas vezes me chamou de “a thirteen-years-old girl” por causa do meu plano). Quando conseguimos chegar na sessão, ela já havia começado e era o Hugo quem palestrava. Foi boa e interessante, mas o pessoal não colaborou muito. Depois que a palestra dele terminou, um outro menino começou a dele, e foi mais dinâmica. Teve até uma atividade em que ele pediu para que formássemos pares e contássemos um segredo um ao outro, algo que achei bem divertido. Minha dupla foi o James: “well, it's not really a secret because everyone knows it, but I really liked when we kissed at the Wild Rover”. Eu fiquei me sentindo mal porque várias vezes já estive na mesma posição que ele, de gostar de alguém e não ser recíproco. Pensei rapidamente em alguma coisa que o fizesse sorrir, então contei que sou vegetariano, mas que gosto de comer nuggets de frango de vez em quando. Funcionou, porque ele riu e quebrou o climão. Depois que a sessão acabou, o Tyler entregou meu cachecol e eu agradeci, mas não falamos muito além disso. A Manoom havia me convidado para ir beber com ela e o pessoal do seu projeto depois e eu aceitei e carreguei o Hugo junto comigo. No fim das contas, o lugar que iríamos beber era a casa do Tyler e eu gostei bastante, não vou negar. O host dele mora em um apartamento perto do Royal Plaza, em um bairro bem legal, com um apartamento bem legal também. Logo que chegamos, começamos a beber e fazer drinking games e ficamos assim por um tempo, até que o Tyler foi para a cozinha para fazer torradas e eu fui também para conversar. Falamos sobre várias coisas, como o fato de eu nunca ter comido torradas feitas da forma como ele fez: “fritas” na manteiga em uma frigideira (fica muito bom), e a minha recente viagem a Ica, que acabei descobrindo ter sido no mesmo final de semana da dele, mas não nos

encontramos porque o seu grupo ficou na cidade também e não avisaram os outros trainees de sua ida. Mencionei o match no Tinder e em algum ponto eu perguntei se ele queria ficar comigo e ele disse que sim, então começamos a nos beijar ali mesmo, na cozinha. Depois de algum tempo making out e algumas torradas queimadas, perguntei se ele queria ir para o quarto dele e ele disse que sim. Quando voltamos para a sala, as meninas ficaram bem loucasahaha. O Hugo estava beijando bastante uma menina americana, mas só de falar com ele vi que se ele continuasse bebendo, acabaria “morrendo”. Então, na condição de irmão sóbrio, chamei um Uber e nos levei para casa. Como os motoristas nunca vão realmente até a frente da casa, descemos em frente à pracinha e subimos a longa escadaria. Foi engraçado carregar o Hugo enquanto subíamos e rir das besteiras que ele falava. No dia seguinte (ontem), ele acabou faltando aula porque ainda estava bêbado (que orgulho).

Ontem (4) aconteceu algo inusitado no projeto. A diretora fez uma reunião com os voluntários e nos informou que solicitou à professora de inglês que nos entregasse nossos novos horários, pois nas próximas duas semanas o foco de nosso projeto seria alterado para o ensino de inglês. Honestamente, eu não gostei nada da ideia. Meu projeto não é o Live and learn e tive a opção de escolhê-lo, mas não quis. Então, no final do dia, marquei uma reunião com a Steph no Starbucks e estou aqui desde às 08:30, hehe.

Estou aqui por tanto tempo, basicamente, porque não dormi em casa ontem. Era 4 de julho e os americanos estavam mais nacionalistas que qualquer outro dia (Andrea, Sophia e eu ficamos durante todo o trajeto da volta do projeto explicando a eles como “América” é o continente, não o nome do país, mas eles eram teimosos demais para aceitar).

Eles simplesmente precisavam beber, então foi uma ótima desculpa para encontrar o Tyler. Fui com meus amigos jantar fora e depois fomos para um bar onde quase todos os trainees acabaram se encontrando. Depois do bar, fomos para uma festa e o Hugo me mandava mensagens constantemente perguntando o que eu iria fazer, e eu respondia que não sabia. Até o momento que perguntei ao Tyler se poderia dormir em sua casa e ele disse que sim, então próximo da 00:45, pegamos um táxi e fomos para o





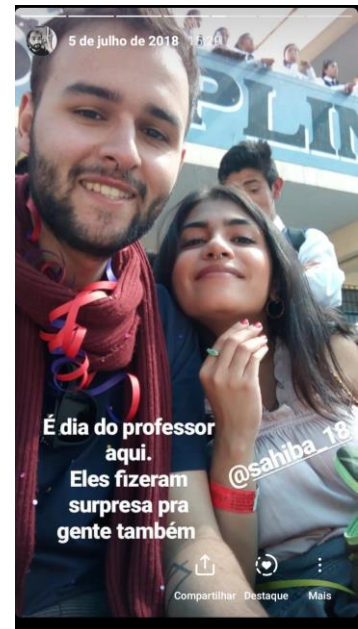
seu apartamento (o host dele está fora durante essa semana para viajar a negócios). Hoje cedo, ele fez café da manhã para nós e o acompanhei até o lugar onde ele pega seu ônibus para o projeto. Depois, peguei um até o Plaza, onde estou há algum tempo, bebendo café e escrevendo. Marcamos de sair novamente no final de semana, mas te conto depois, estou cansado agora.

Com amor, Felipe.

### ***Arequipa, 10 de julho de 2018.***

Querido amigo,

Quinta (5) foi o Dia do Professor aqui no Peru! Logo que chegamos na escola, fomos recebidos por explosões de confetes de papel e alunos muito entusiasmados que nos levaram até as cadeiras que haviam reservado para nós, de frente para os professores, que estavam sentados atrás dessa mesa formada por várias carteiras, em um local elevado do pátio. Assistimos umas três ou quatro apresentações. Uma delas foi com quatro alunos (Emanuel, o meu favorito, entre eles) que dançaram uma música dos anos 60; outra foi um menino em trajes típicos fazendo uma dança da cultura peruana; uma outra foi com alguns alunos dançando “thrifty shop” (a Sophia disse que se eles soubessem a quantidade de palavrões que tinha naquela música, não a dançariam em frente aos professores. Achei engraçado porque eu também não sei a tradução); e, por último, as crianças finalmente fizeram a apresentação com os chicotes que estavam praticando há algum tempo. Pareceu dolorido e eles gritaram bastante quando foram atingidos, mas riram também. Fiquei no limbo entre “meu deus, que absurdo!” e “tudo bem, isso é a cultura deles”. Não entendi muito bem o contexto, mas alguns deles estavam com roupas que pareciam trajes típicos dos nativos e outros com roupas pretas com proteção de couro e chapéus redondos que lembravam muito roupas de cowboys. Talvez seja algo que simboliza a luta dos nativos contra a colonização espanhola. Depois das apresentações, fomos para uma sala de aula em que os alunos serviram aos professores (e a nós) comidas que eles haviam preparado, como o cui, algo que Aviva — que pediu transferência para minha escola há algum tempo — e eu recusamos educadamente.





Dia 6 combinei de encontrar algumas pessoas que estão na AIESEC para assistir a partida do Brasil contra a Bélgica no Plaza. Originalmente a ideia era ir com a Inês e a Flávia (portuguesa e brasileira), mas acabaram juntando-se a nós o Hugo, a Moeka (japonesa) e mais uma brasileira chamada Rapha. Tentamos primeiramente



ir a um Pub chamado Red Lion, mas estava lotado e acabamos indo para o Istanbul (Ah, a Andrea e a Antuane nos encontraram lá também). Infelizmente o Brasil perdeu de 2x1, mas foi divertido assistir, porque tinha umas gringas torcendo pela Bélgica e eu xingava elas em português e elas não entendiam (pelo menos eu acho). Descobri através da Inês

que, por algum motivo, os portugueses chamam os banheiros de “casa de banhos”. Logo depois do jogo fomos encontrar a Aviva no Wild Rover e ela me deu a camiseta “do Brasil” que ela estava vestindo. Ela está ficando com esse cara irlandês que trabalha no hostel e eles haviam feito camisetas especiais para torcer para o Brasil, imitando as da Seleção, mas com o símbolo do hostel atrás. Ela disse que pediu ao namorado um tamanho maior porque a intenção era me dar desde o início. Depois o

Hugo me levou para um lugar para furar as orelhas!!! Eu adorei hehe. Descemos até o Wild Rover e encontramos a Manoom e a Andrea (que bebeu um drink chamado Ambulância: três bebidas fortes servidas em copos de shot que devem



ser misturadas em um maior e viradas de uma vez só). A Manoom nos convidou para ir a uma festa que o host dela estava organizando e aceitamos (principalmente porque entraríamos de graça). Pegamos um táxi e ficamos na festa por um tempo, mas estava muito chato, então o Hugo e eu voltamos para casa. Saímos novamente, mas à noite. Fomos para um bar, onde encontramos alguns amigos, e depois ao Deja Vu, mas também estava chato, então o host do Tyler nos levou para uma festa gay. Essa sim estava bem boa.

Sábado (7) pela manhã nos encontramos no Starbucks: Sophia, Caleb, Austin, Andrea, Tyler e eu para turistar nos museus. A Sophia insistiu que fizéssemos o tour do Museo Santuarios Andinos. Como eu era um dos únicos que tinha internet, pesquisei o nome do museu que a Sophia “sugeri” e marquei no mapa. A partir do Starbucks, subimos a calle Mercaderes até a esquina com a Jerusalén, onde dobramos e seguimos até chegar na esquina com a Melgar, onde dobramos mais uma vez e continuamos por mais uma quadra. Acho que essa é a área do Centro com as ruas mais íngremes. Quando chegamos no topo, na esquina com a Peral, paramos em uma pracinha para recuperar o ar. A Sophia me perguntou se estávamos próximos ao museu e eu disse que pelo que o mapa mostrava, sim. Olhamos em volta, mas não encontramos nenhuma placa ou indicação. O Caleb apontou para uma igreja,



perguntando se era ali. Olhei de novo o mapa no celular pra confirmar e percebi que na hora que busquei pelo museu da Sophia, acabei clicando em outra opção, o Santa Tereza Monasterio y Museo. Ela ficou puta da cara. Pedi desculpas várias vezes, mas não tinha muito o que fazer senão ir até o museu certo. Para o desagrado de todos, ele ficava cinco quadras pra baixo e muito próximo de onde estávamos inicialmente. A Sophia chamou um táxi e com ela subiram Andrea, Caleb e Austin, mas eu preferi ir caminhando, porque não queria gastar mais dinheiro. O Tyler disse que iria comigo. Caminhamos por uns 15 minutos até chegar no Plaza e foi uma conversa muito boa. Encontramos o grupo exatamente no momento em que eles chegaram no museu (o que me fez agradecer por não ter pegado

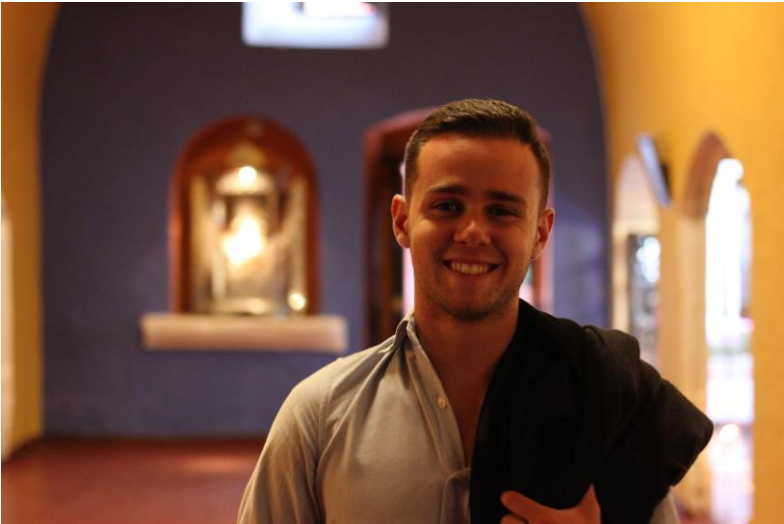
um táxi). Entramos, pagamos o ticket e fomos para uma salinha de cinema onde foi exibido um vídeo sobre a história da Juanita, supostamente a “múmia mais popular de toda a América Latina”. Os cientistas acreditam que ela foi uma oferenda a alguma divindade inca. Após o sacrifício, seu corpo foi carregado pelo vento e caiu em uma cripta, onde ficou conservado durante mais de cinco séculos devido a temperatura muito baixa. A exibição mostrava objetos que os incas carregavam consigo (como pentes e pratos) e suas vestimentas (das mais simples às mais enfeitadas), terminando com a exibição da Juanita, que estava em uma câmara fria de duas

grossas camadas de vidro, enrolada em uma túnica super gasta. Mal dava para dizer que era humana: o que restou do seu rosto era praticamente apenas os buracos de onde antes ficavam o nariz, e olhos. Os dentes estavam aparentes devido a ausência de seus lábios e seu cabelo precisava urgentemente ser limpo.

Depois disso fomos para o Monasterio de Santa Catalina, que ocupa um quarteirão inteiro. No Google diz ser “uma cidade dentro da cidade” e está completamente certo. O ingresso foi uns 40 soles, o que achei um pouco caro no início, mas que depois que vi tudo que tinha lá dentro, não me arrependi nem um pouco de pagar. O monastério é enorme. Passamos por exposições de arte, jardins e cozinhas gigantes, alojamentos de religiosos que lá moraram séculos atrás, uma lojinha de presentes extremamente cara e terminamos em um terraço com uma vista linda do centro de Arequipa, encerrando o nosso passeio com uma sessão de fotos. De lá podíamos ver as torres da Catedral, a Puente Grau, dois dos três vulcões que cercam a cidade (Misti e Pichu Pichu) e uma visão simplesmente inesquecível do pôr do sol.



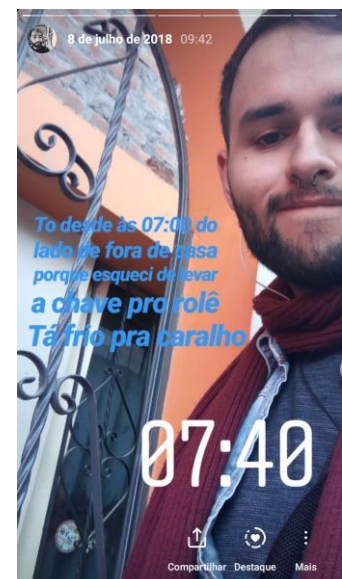






À noite o Caleb deu uma festa na casa dele e as coisas ficaram complicadas.

Compramos bebidas e snacks no Plaza e depois fomos para sua casa. A Inês, a Rapha e o Tony (americano) também foram. Em algum momento, eu e o Tyler fomos para a casa dele, que ficava próxima. Quando deu 04:30, liguei para o Caleb, pois precisava voltar para a festa porque o host do Tyler não sabia que eu dormiria na casa dele, mas o Caleb não atendeu. Tentei chamar um Uber, mas não funcionava de jeito nenhum. Estava com duas câmeras na mochila e realmente não queria ser assaltado em um táxi clandestino, então liguei para o Austin perguntando se ele ainda estava no Caleb. O Austin disse que sim, então decidi caminhar de volta até a casa onde tinha sido a festa. Quando cheguei, as luzes estavam apagadas e o Caleb não me atendeu de novo. Liguei para o Austin e pedi que ele abrisse a porta, mas ele disse que não tinha mais ninguém lá. Respondi que não tinha entendido e ele falou que a festa tinha acabado há horas. Fiquei puto e falei que ele tinha me dito que ainda tinha gente na casa e ele respondeu alguma coisa nada com nada e deu boa noite (acontece que o Austin estava muito bêbado e no dia seguinte ele nem lembrava de termos conversado durante a madrugada). Voltei para a avenida e perguntei a um taxista quanto ele me cobraria. Ele disse 15. Recusei, pois achei caro. Alguns ônibus já haviam começado a circular, então peguei um para o Plaza e subi umas 4 ou 6 quadras até onde eu pegaria o meu e esperei até às 06:10, quando ele finalmente apareceu. Cheguei em casa às 07:00 e tentei ligar para o Hugo para que ele abrisse a porta para mim porque eu tinha esquecido de levar as chaves para o rolê, mas ele também não atendia. Mandeí várias mensagens, mas ele não as viu. Como eu não



queria acordar mais ninguém, fiquei na rua esperando que algo acontecesse. Por volta das 08:10 uma mulher apareceu e começou a bater palmas em frente à casa. O host pai apareceu na janela e desceu para abrir a porta. Aproveitei e entrei.

Passei o dia em casa no domingo (8), mas à noite o Hugo e eu descemos para o Plaza e jantamos no Crepissimo com basicamente as mesmas pessoas da noite anterior.

Segunda (9) foi um dia bem normal, mas foi divertido. A Aviva escreveu meu nome em seu idioma nativo na contracapa do meu diário. Além disso, teve um momento em que estávamos conversando sobre as



nossas diferenças culturais e eu acreditei

na história que ela contou que seu pai era um grande encantador de serpentes, que sua família tem vários pavões, que os elefantes são passados de geração em geração nas famílias da Índia e que há uma espécie de “ciclovía” para esses animais nas ruas do país. Eu percebi que ela estava mentindo quando disse que tinha um tigre de estimação, aí achei que estava me zoando (mas sim, todo o resto eu comprei. Shame on you, Felipe Zanini).

À noite fui direto para a casa. Essa é a última semana do pessoal mais antigo do projeto, então está sendo divertido e amoroso. Eu e o Tyler decidimos — finalmente — marcar para comer massa hoje à noite, depois te conto como foi.

Com amor, Felipe.

### ***Arequipa, 13 de julho de 2018.***

Querido amigo,

O date com o Tyler foi muito, muito bom. Nós nos encontramos terça (10), no Starbucks. Fui para lá mais cedo porque eu combinei com o Austin que o entregaria um cachecol que comprei de presente de despedida para ele. Quando chegou, o Tyler me cumprimentou com um “Hola, Felipe” em um sotaque americano muito forte, e falou em espanhol porque já reiterei diversas vezes aos estadunidenses que meu idioma nativo é português, não espanhol, então ele gosta de me zoar dessa forma.

Seguimos para o Pasta Canteen e o lugar estava lotado, para variar. Havia apenas dois lugares, um ao lado do outro, em uma mesa que estava cheia de gente. Eu não gostei muito da ideia de me sentar e conversar na frente de estranhos, mas ele pareceu não se importar, então sentamos. Conversamos sobre tantas coisas que eu honestamente não me lembro nem da metade, mas foi uma conversa que fluiu muito, muito bem. O jantar foi acompanhado de duas taças de vinho para cada e ele adorou a comida, o que me fez feliz. Quando a conta chegou, fiz questão de pagar, afinal, eu o convidei. Aproveitando que eu tinha levado minha câmera para o projeto e queria mostrar as fotos que fiz, depois da janta, fomos ao “patio de comidas”, único lugar seguro que conseguimos pensar (o prédio onde fica o Starbucks, KFC, Pizza Hut e Burger King). No caminho ainda mostrei a ele a loja de antiguidades perto da Las Gringas, pois achei que ele fosse gostar. O Austin me deu uma caixa de chocolates arequipeños (segundo o Beto, os melhores de todo o Peru) como presente de despedida e comemos alguns deles enquanto víamos as fotos, que ele elogiou.

Por volta das 21:30 caminhamos até a parada de ônibus e esperei até que o dele chegasse.

“Take care and text me when you get home.”

“Aye.”

Quarta feira (11) foi um dia mais interessante por vários motivos.

O primeiro é que, pela primeira vez na vida, passei por um terremoto. Foi bem leve. Senti a casa vibrar quando estava atravessando a porta para entrar no quarto. Como os meninos estavam jogando bola no andar de baixo, achei que, sei lá, tivessem acertado uma parede ou um carro tivesse se chocado com a casa, mas o Beto, que estava no corredor, apenas riu da minha cara e disse que era um “sismo”. Perguntei se não precisávamos sair da casa e ele disse que não, somente se continuasse. Quando cheguei no projeto, perguntei se alguém tinha sentido alguma coisa, mas todas as respostas foram negativas. Na escola, conheci os novos trainees que irão participar do Raise Your Voice: 3 brasileiros, 1 americano e a Inês (que já conhecia, mas que pediu transferência para a escola onde eu estou). Os brasileiros trabalharão durante a manhã, então acredito que não os verei muito, mas o Dakota (americano), que vai trabalhar comigo, já tem se mostrado muito divertido. À noite tivemos mais uma lead session e o encerramento para os trainees mais antigos. A Steph e o Smish colocaram envelopes nas paredes com os nomes das pessoas e nós deixamos bilhetes para eles. Depois, fomos ao Plaza pra jantar e beber. Aviva, Andrea, Austin,



Caleb, James, Sophia e eu fomos ao Istanbul e depois fomos a um outro bar, mas eu estava cansado e decidi ir para casa.

Quinta (12) à noite saímos novamente depois do projeto. Caleb e eu jantamos no Pizza Hut e depois fomos encontrar o restante no Bananas, onde o pessoal estava conseguindo bebidas mais fortes porque a Grisel estava ficando com o atendente de lá. Eu tirei muitas fotos com minha Instax — acho que tenho com todos. Depois, fomos a um bar mexicano onde o Karl pagou um shot de tequila para cada um dos presentes. Ah, claro, o Hugo foi junto e ele ficou a noite toda com uma americana. Pendejo (não sei a tradução certa dessa palavra, mas é engraçado xingar o Hugo disso)! Depois do bar mexicano, o Dakota me ligou e fomos todos dançar no Deja Vu. Foi uma noite divertida, com um sentimento de angústia muito forte da minha parte, porque vou sentir saudades de todos.

Com amor, Felipe.





**Arequipa, 16 de julho de 2018.**

Querido amigo,

Sexta (13) à noite eu e o Hugo encontramos o Caleb e fomos jantar em um rooftop no Plaza. Era um restaurante muito bonito, com uma vista muito bonita, mas era caro pra caralho. Eu e o Hugo dividimos uma pizza e duas cervejas, mas eu paguei a pizza. Usei meu cartão porque estou tentando economizar o restante do dinheiro que tenho, mas não foi



uma escolha muito sábia. A pizza era 46,00 Soles e o Nubank me notificou dizendo que a compra saiu por 71 reais. Fuck. Foi muito bom ter saído de casa aquela noite, porque nem eu, nem o Hugo estávamos nos sentindo muito bem. Mais uma diferença cultural muito grande com os americanos: o Caleb disse que eles não têm costume de comer segurando guardanapos e ele, particularmente, acha isso uma afronta, pois “um hambúrguer de verdade não é um hambúrguer de verdade se a gordura não escorrer nas mãos enquanto você come”.



No sábado (14) a Aviva insistiu em almoçar com o “mucho sexy” (maneira carinhosa como ela se refere ao Hugo), para que tivesse uma última lembrança dele, mas é óbvio que ela se atrasou haha. A Antuane veio conosco, porque a Aviva teve uns problemas com a host family que ela estava e como a casa da Antuane é grande, ela a acolheu durante suas

últimas semanas. Tentamos uma mesa no Pasta Canteen, mas estava lotado, então descemos a rua até uma hamburgueria. A comida estava muito boa! Honestamente, um dos melhores hambúrgueres que comi desde que cheguei aqui. O almoço foi bem divertido também. A Antuane deu em cima do Hugo várias vezes e era engraçado porque somente eu e ele percebíamos (a Aviva não fala espanhol). Depois do almoço,

demos umas voltas pelo Centro e passamos por uma livraria, onde comprei um livro de presente para o Hugo. Voltamos para casa e dormi algumas horas enquanto ele treinava, depois jantamos e fomos para uma festa que o host de uma trainee de julho estava sediando. Foi divertido. Vi muitos amigos, bebi de graça e dancei também. Quando saímos já estava muito tarde, então acabamos dormindo na casa da Antuane e eu dividi a cama com a Aviva. Às 09:00 eu a acordei porque ela precisava ir para o aeroporto e ela deu um pulo na cama. Foi engraçado.

Quando chegamos em casa, dormi até meio dia, mais ou menos. Tomei um banho e desci para o Plaza. Encontrei o João Pedro, a Julia, a Gisele e o Luis Felipe, meus amigos escoteiros que estão turistando pelo Peru antes de ir para o Moot e queriam me encontrar em Arequipa. Almoçamos no Pasta Canteen porque fiz muita propaganda do local para eles. Depois, levei-os ao Los



de um complexo jesuíta, mas não tenho certeza. Gosto de ir lá porque é bem grande, tem três praças e dá para sentar e ficar o tempo que quiser sem pagar nada. Tem uns restaurantes também, mas não fui em nenhum deles ainda. Da primeira vez que vim, com o Lyncon, ele quase pulou por cima dos telhados para procurar “coisas escondidas” — aparentemente ele conhece um jogo em que as pessoas postam em um site que esconderam algo em algum lugar e outras tentam buscar o que é — por entre as chaminés, mas tinha um guarda muito próximo de nós e ele



desistiu da ideia. As praças são inteiramente de sillar, assim como a entrada, que é um túnel bem discreto, em uma rua lateral do Plaza (se você não sabe que fica lá, você nem repara). A primeira é um grande quadrado com arcos que sustentam um segundo piso, onde tem algumas cadeiras, uma cafeteria e é onde a maior parte das pessoas se concentra. Na segunda, tem um chafariz desativado bem no centro. E na terceira, algumas lojinhas de pelo de lhama. É um dos lugares mais bonitos da cidade, principalmente no que diz respeito aos detalhes, como os arcos, que são talhados em toda sua extensão. Fico pensando no trabalho todo que não foi construir isso. Eles gostaram muito. Depois fomos ao Starbucks e encontramos o James e o Caleb. Como era a última vez que os veria, pedi desculpas para os migos e passei mais tempo com os dois. Fomos para as escadas da Catedral, onde encontramos alguns trainees de julho. Um deles estava tocando violão e outro, que também é de Porto Alegre, me ofereceu chimarrão. Depois de algum tempo decidi ir para casa, então me despedi e peguei uma combi. Quando cheguei em casa, pedi para o Hugo ler as cartas para mim (ele já tinha dito que a mãe dele o ensinou a fazer, mas eu ainda não tinha pedido que lesse para mim). Foi bom. Ele falou que toda vez que saía algo sobre trabalho, uma mulher saía junto, acompanhada de dinheiro e sucesso. Na faculdade eu passaria por momentos ruins, mas teria sucesso também. Saiu algumas vezes também a carta do amor, mas todas seguidas da carta da tristeza. Depois que ele leu para mim, começou a ler para ele e todos os garotos se sentaram conosco. Foi divertido. Depois fomos jantar e todos comemos juntos. Em algum ponto a mãe chegou também e se juntou a nós. O pai estava muito bêbado de uma festa que havia ido com a mãe e o Hugo precisou ajudá-lo a subir as escadas para o quarto. Depois que terminamos de jantar, ficamos jogando banco imobiliário até umas 04:00 ou algo assim.

Hoje vim mais cedo para o Plaza, pois precisava me reunir com o pessoal do projeto para planejar a semana. Depois que terminamos a reunião, o Dakota e a Inês foram para o Mamut para comer sorvete e voltaram aqui, mas eu ainda estava escrevendo, o que na verdade estou fazendo agora, mas pedi que eles fossem na frente, pois realmente precisava escrever para você.





Estou atrasado para o projeto. Tenho que ir.

Com amor, Felipe.

***Arequipa, 18 de julho de 2018.***

Querido amigo,

No fim das contas eu não estava tão atrasado assim para o projeto. Quando cheguei, conheci mais uma trainee que trabalhará conosco por alguns dias: Francy, uma colombiana. Fiquei muito surpreso porque consegui conversar bem com ela. Acho que se eu me esforçar um pouco mais, consigo falar melhor em espanhol. Depois do projeto fomos ao Plaza, onde era para eu encontrar com os meus amigos escoteiros, mas eles se enrolaram muito para sair do hostel e acabei saindo com o Caleb, Sophia, Andrea e Inês. Foi uma boa despedida para eles (repetida para o Caleb). Comprei uma lembrancinha para o Beto, pois era seu aniversário, e fui para casa.

Na terça (17) almocei com o Austin no Pasta Canteen e depois tomamos sorvete aqui perto do Plaza. Foi muito bom tirar um tempinho para conversar com ele e dar um adeuzinho. Ele é uma pessoa muito, muito boa e eu espero do fundo do coração que nossos caminhos se cruzem novamente no futuro.



À tarde fui para o projeto e fizemos uma espécie de assembleia com os pais dos alunos: explicamos sobre leis, bullying, formas de abuso, good practicing, entre outros. Fiquei muito nervoso com a minha fala, pois era algo como “boas maneiras para tratar seus filhos” e eu não tenho filhos, então fiquei com medo que algum pai reclamasse, o que não aconteceu. À noite jantei em uma pizzaria com os amigos escoteiros e combinei com o Tyler que jantaria com ele hoje. Vou comprar vinho e Doritos e convidá-lo para stargaze (aprendi com o Tanay que esse é o nome que dão em inglês para “olhar as estrelas”). Espero que ele aceite. Até depois.

Com amor, Felipe.

***Arequipa, 21 de julho de 2018.***

Querido amigo,

Disse ao Tyler há algum tempo que tinha um presente para lhe dar. Dei um diário para a Andrea, um livro para o Hugo e um cachecol para o Austin, nada mais justo que dar a ele uma lembrança também. Trouxe apenas um livro do Brasil, uma versão em inglês de *As vantagens de ser invisível* que já estava há muito tempo na minha estante, pegando poeira. Já conversamos várias vezes sobre esse livro e, por mais que ele não saiba muito bem a história, acho que é um bom presente. Estou tentando terminar de ler para poder entregar grifado e rabiscado.

Encontrei-o quarta (18) à noite. Fomos ao Crepissimo para jantar. Eu acho que mostrei a ele os melhores restaurantes daqui, risos. A janta foi muito boa. Ele me contou bastante sobre sua viagem para Cusco. Ao que parece, ele se divertiu muito. Ele finalmente devolveu o meu boné, que eu tinha esquecido na casa dele no dia da festa do Caleb, e junto me deu uma bandeira de Cusco.

“You said you got a gift for me, so I got one for you too. I mean, it’s a Cusco flag, but it’s also the LGBT one. It’s for you to never forget me.”

Eu achei fofo. Muito. Depois disso, eu disse que tinha um saco de Doritos enorme na minha mochila e uma garrafa de vinho. Disse que, infelizmente, não poderia levá-lo à minha casa, mas que adoraria ir para a dele. Ele disse que adoraria também, mas que estava muito cansado, pois havia voltado de Cusco naquela manhã, e pediu para fazer isso na sexta. Eu aceitei, mas fiquei um pouco triste.

“Do you want to walk around?” ele perguntou.

“Sure” respondi.

Ele pagou a conta. Demos umas duas voltas pelas ruas e nos sentamos nas escadas do Complejo San Francisco, que fica na esquina da calle San Francisco com a calle Zela. Ficamos lá por mais ou menos meia hora e, mais uma vez, conversamos sobre muitas coisas, desde amizades e relacionamentos até sexualidade. Ele me contou de como “se assumiu” para seu pai como bissexual, como o pai dele disse que também era e como eles ficaram “ok”, pois desde que ele era pequeno, seu pai e sua madrasta sempre largaram hints como “ah se um dos nossos filhos for gay, nós seremos muito receptivos” (ele tem um irmão gêmeo também) e blá blá blá. Ele também disse que não havia contado à mãe dele ainda porque seus avós são muito preconceituosos e isso me deixou um pouco triste. Eu o contei sobre todos os meus problemas com amigos, envolvimentos amorosos e coisas assim. Foi uma conversa muito, muito profunda e eu acho que pedi desculpas a ele umas quatro vezes por colocá-lo sob tanta “deep shit”, e todas as vezes ele me disse que não tinha problema.

Em algum momento, eu lembro dele me agradecer por ter me conhecido e que ficava muito chateado por termos demorado tanto para nos falarmos. Às 21:30 o levei para a parada de ônibus.

Na quinta (19) eu saí cedo de casa e almocei no Plaza, depois fui ao Starbucks e tomei café enquanto lia, escrevia e marcava no livro. Depois, fui para Los Claustros e sentei no andar de cima. Aquele lugar tem uma paz muito boa. Escrevi uma carta para o Tyler lá, mas não sei se vou entregá-la, porque é muito pessoal e não sei se quero dá-la. Caminhei bastante nesse dia. Finalmente entrei na Catedral (algo que estava enrolando para fazer há algum tempo) e até escrevi um pouco lá dentro: o início de um romance epistolar entre dois amigos, um em Arequipa e um no Brasil, mas acho que não vai vingar. Lá pelas 19 e alguma coisa encontrei a Inês e a Andrea e jantamos no Pasta Canteen. Depois encontramos a Manoom e o Nicholas e fomos comprar bebida para depois entrar no Fórum. Acabamos encontrando o Lyncon, a Lourdes, O Hugo, Pepe e o melhor amigo do Hugo, que também foram ao Fórum. Ah, claro. A Rajan, Ashley, Lexie e Tyler também foram. Funny story: em um momento ele estava dançando bem junto dessa menina aleatória e eu fiquei com ciúmes. Eu não sei se deveria, mas fiquei um pouco magoado com isso. Depois de algum tempo, ele simplesmente parou de dançar com ela e foi encontrar o host dele, que estava na festa também. Fui encontrar com ele.

“Why didn’t you kiss that girl?”

“What? We were just dancing.”

“What? of course not! She obviously wanted to kiss you!”

“Well, I was just dancing.”

“Whatever.”

Voltei para o outro grupo.

Depois de algum tempo o Hugo disse que queria ir embora e eu disse ok, mas que iria dar tchau ao Tyler antes. Eu fui para onde o havia visto por último, mas não o encontrei. Quando voltei, o Hugo disse que ele já havia ido embora. Voltamos para casa e dormi.



Ontem, encontrei a Andrea e fomos ao Mirador de Yanahuara. O lugar é bem bonito, mas acho que seria melhor se o dia não estivesse nublado. Depois do Mirador, voltamos para o Starbucks e eu disse que ficaria por ali por mais um tempo por causa do trânsito, mas na

verdade só queria ficar um pouco sozinho. Ela foi embora e em seguida a Inês apareceu. Conversamos um pouco e encontramos alguns brasileiros, mas eu disse que iria para casa. Na verdade, não fui direto para a parada. Fiquei caminhando pela rua porque é isso que faço quando estou me sentindo um pouco mal, chateado



ou preciso pensar. Fiquei caminhando um pouco e depois fui para a parada. Quando cheguei em casa, a família estava dançando na sala, pois era aniversário de uma tia. Foi divertido assisti-los dançar. Ficamos jogando Banco Imobiliário até tarde e bebemos o vinho que eu havia comprado.

Hoje, acabei encontrando a Flávia (brasileira que chegou depois de mim) e ela me acompanhou ao Starbucks, onde tivemos uma longa conversa, principalmente sobre os problemas que ela tem enfrentado com o pessoal do escritório da AIESEC de Arequipa.

Agora estou escrevendo para você, mas vou sair daqui a pouco, então por hora é isso.

Com amor, Felipe.

***Arequipa, 22 de julho de 2018.***

Querido amigo,

Eu não costumo escrever para você um dia seguido do outro, mas ontem à noite foi interessante. Ah, claro, tem também o fato que ontem finalmente choveu



nessa cidade, depois de um mês e cinco dias desde que estou aqui. Minha pele está muito seca.

Voltando. Ontem eu não estava muito animado para sair, mas decidi dar uma chance. José, Hugo e eu pegamos dois ônibus até uma festa perto do Royal Plaza e chegamos em torno das 22:40/22:50. Ao entrar, encontramos a Ashley, Rajan e o Tyler (eu os chamei para ir) e os três já estavam visivelmente bêbados. O local da festa era bem estranho. Era como se a casa (que ficava no segundo andar, acho que no primeiro era a garagem) tivesse sido planejada aos poucos, porque os cômodos eram “soltos”, desconexos um do outro, com portas que davam para um mezanino que funcionava como circulação. A festa foi nos fundos do terreno, e pra chegar precisávamos passar por baixo da cozinha (que ficava em uma das extremidades do mezanino). Lá foi colocado uma lona para proteger da chuva e penduraram luzes incandescentes que brilhavam bem fraquinho, fazendo o ambiente ficar aconchegante. Como não reconhecemos muitas pessoas além das que encontramos, ficamos mais por fora, mas só até eu enxergar a Francy e o Gustavo (arequipeño), aí fomos até eles para dançar. Eu comprei um fardinho de Pilsen e fiquei tontinho com isso ahahah. Encontrei e conversei com muitas pessoas que queria ver novamente antes de voltar para o Brasil, como a Lourdes e a Ilda, o que me deixa com uma memória boa da festa. Teve uma hora que o Tyler estava dançando próximo demais de uma menina e percebi que isso a estava incomodando, então tirei ele de perto dela (que me agradeceu), mas ele entendeu errado, achando que queria que dançássemos juntos. Ele começou a dançar realmente próximo de mim e eu disse que ele não deveria fazer isso, pois me dava vontade de beijá-lo. Então ele me beijou. Ali mesmo, no meio da festa, na frente de todos, algo que eu não estava esperando dele e não sabia muito como reagir, principalmente levando em consideração que o Peru é um país de maioria católica, os pensamentos machistas e homofóbicos ainda são comuns nas gerações mais novas e eu estava em uma festa que conhecia, sei lá, 40% das pessoas. Porém, minha leve angústia inicial foi respondida pelo José, que abriu um largo sorriso de aprovação e que fez sinal de positivo com as mãos ao me ver ficando com o Tyler, mesmo que nós nunca tenhamos falado sobre o assunto e sem eu saber se o Hugo comentou com seus irmãos e ele sobre minha sexualidade. Risos. Nos dispersamos e a festa seguiu. Teve uma hora que percebi que o Tyler estava bêbado demais e acabaria passando mal, então resolvi que ele precisava ir para casa e eu seria a pessoa que o levaria (a festa era realmente próxima da sua casa). Ele relutou

um pouco no começo, mas eu disse que daria a ele o seu presente, então consegui convencê-lo. Avisei as meninas que eram suas amigas e o levei para sua casa. No caminho, conversamos sobre o que ele chamou de nossa relationship. Ele disse que sentiria muito a minha falta e eu disse que sentiria muita falta dele. Enquanto eu o levava, ele cambaleava de tão bebinho que estava. Quando chegamos ao seu prédio, ele passou reto pela entrada do seu apartamento e me levou até o terraço.

“Why did you bring me here?”

“It’s a nice place and I thought you’d like to see the whole Arequipa.”

Ele me beijou de novo.

Eu disse que estava com medo dele cair, então descemos para o seu apartamento. Eu o levei para o seu quarto e deitei-o na cama. Tirei seu casaco e sapatos, depois o cobri. Tirei o livro da minha bolsa e dei a ele.

“This is my favorite book of all time and I highlighted all the sentences I like. I’m giving it to you because you are very special to me and I don’t want to forget me either. I know you’re probably not gonna remember any of this, but I’m giving it to you anyway.”

Ele me encarou e depois me beijou.

“Thank you.”

Depois disso, esperei que ele dormisse e saí em seguida, voltando para a festa, mas nada muito interessante aconteceu depois disso.

Com amor, Felipe.

***Arequipa, 23 de julho de 2018.***

Querido amigo,

Encontrei o Tyler no Starbucks meia hora depois de te escrever. Fomos para Los Claustros, mas não ficamos muito e decidimos ir ao mirador de Yanahuara. No caminho e no próprio mirador nós conversamos bastante, sobre a maior variedade de coisas possível. Acho engraçado como sempre temos assunto. Ficamos umas boas horas lá. Algum tipo de festival estava acontecendo, pois tinha um palanque e algumas apresentações. Perguntei a ele se ele lembrava de alguma coisa da noite anterior e ele disse que não lembrava de quase nada, apenas de caminhar comigo na rua e de estar no terraço, mas não de quando eu entreguei o presente.

“I mean, I found it the next morning, so I knew you had left it there.”

“And you don’t remember getting home?”

“Not really.”

“I got you to your bed, tucked you, then I left.”

“Really?”

“Yup. I saw you were really drunk, so I decided to get you home safe and when I saw you were, I went back to the party.”

“Thank you for that.”

Quando começou a ficar muito tarde, caminhei com ele até a sua casa, onde nos despedimos.

“So, I’ll see you later.”

“Later?”

“Yeah, I mean, during the week.”

“Oh, sure.”

Virei as costas e fui em direção às escadas.

“Get home safe.”

“Sure.”

Não olhei para trás. Segui descendo as escadas.

Com amor, Felipe.

### ***Cusco, 28 de julho de 2018***

Querido amigo,

Então, eu comecei a escrever no dia 28, mas estava na barraca e o Fernando (meu companheiro de equipe) entrou, então não consegui escrever nada.

Na terça (24) foi a closing session para os trainees que entraram junto comigo. Foi bem divertido. Fizemos como na outra session que tivemos e formamos pares, mas dessa vez não teve contação de segredos. O mais interessante e legal da noite foram os bilhetinhos. Escrevi para todas as meninas do Eco Change e do Raise Your Voice, mas o do Tyler foi especial, assim como o que ele escreveu para mim:

“Felipe, you have challenged me to be more ‘me’ than I have ever been in my entire life. Coming to Arequipa I was in a huge change in my life and you have shown me specially that it is okay to be who I am and to embrace it. You are so confident in yourself and understand who you want to be which inspires me to search for that within myself. For this reason and others, I am very happy that I had the opportunity to meet you and become your friend. (maybe a little bit more HAHA)”.

Depois da closing, fui para casa porque era aniversário do Victor Hugo. Comprei a mesma lembrancinha que dei ao Beto (um pacotinho de chocolates sortidos). Acho que não comentei antes, mas eles cantam “feliz aniversário” em inglês e rola um “bolo na cara” no final.



No dia seguinte (25) fui cedo para a escola, pois a diretora queria entregar



nossos certificados na frente de todas as crianças. Foi

bem bonito, todas estavam caracterizadas pelo Dia da Independência do Peru. A



banda da escola fez uma apresentação e todos eles cantaram o hino do país enquanto estavam “em formação” no pátio. Deixamos que pintassem nossos rostos com as cores da bandeira e ganhamos pequenas escarapelas que colocamos em nossas roupas,

seguindo o exemplo dos professores e alunos. Acho que esse é um símbolo da luta pela independência do país. Tem vários desses laços espalhados pela cidade, em postes e coisas do tipo. A diretora fez um discurso sobre a importância de Arequipa para o resto do país, como são um povo único e sei lá mais o quê, confirmando a minha teoria de que os arequipeños são tão bairristas quanto os gaúchos.



Depois fui ao Royal Plaza, pois havia outra Global Village (para os trainees de julho), onde fiz algumas fotos do pessoal. Me despedi da Steph também e depois saí mais uma vez com o pessoal do Eco change. Comemos, bebemos e fomos para o Deja Vú. Teve uma hora que convidei o Tyler para caminhar e demos uma volta na quadra. Conversamos bastante. Foi muito bom ter esse momento sozinhos, pois fomos muito honestos um com o outro. Eu disse a ele que ele foi a primeira pessoa que fez eu me sentir bonito em toda minha vida e que eu era muito grato por isso. Dei a ele a pulseira que comprei em Ica, que primeiro relutou, mas no final ficou com ela. Voltamos para a festa em seguida. Depois que saímos do Deja Vu, fomos a um bar que ficava no segundo piso de um outro prédio do Centro. Era um lugar bem aconchegante e tinha uns outros gringos contra quem jogamos pebolim. Foi muito bom porque o Tyler e eu ficamos lá. Nos beijamos um bom tempo e uma boa quantidade de vezes. Foi uma boa despedida.

No final, quando Tyler estava esperando por seu Uber, disse a ele:

“Everyone deserves a great love story and I hope you find yours when you go back home.”

No dia seguinte (26) almocei com a Inês no Pasta Canteen pela última vez e bebi café no Starbucks de Arequipa pela última vez. Depois de comprar alguns presentes de última hora, voltei para casa e fiz as malas. Antes de sairmos para a rodoviária, fizemos uma foto com todos os meninos da casa (já que os pais estavam viajando) e o Pepe e o Beto me deram presentes (um vinho arequipeño e um elefante decorativo). O ônibus para Cusco atrasou MUITO e acabamos tendo cerca de doze horas de viagem, algo que deixou Hugo ficar bem irritado, principalmente porque eles tinham horário para pegar outro





ônibus, mas para Aguas Calientes. Achei engraçado que a forma deles de reclamar não é “fazendo textão” na Internet, mas sim escrever em um “libro” (de reclamações) e pela forma como o Hugo falou, isso era algo realmente importante.

Ao chegarmos, fomos ao Plaza de Cusco e eu e o Hugo fizemos uma última foto juntos. Ah, claro, no ônibus ele me deu um macaquinho de pelúcia que dá para prender no pescoço, então estou o usando no acampamento (chamo ele de Huguito). Ele me deu também uma carta, e nessa altura já chorava bastante. Eu dei a ele uma carta também, mas além disso, um lenço nacional com um nó da amizade na ponta. Não preciso nem dizer que choramos bastante, né?



Vou sentir muita falta dele.

E este foi o fim da minha saga em Arequipa.

Com amor, Felipe.



## 4 COM AMOR, FELIPE.

*Porto Alegre, julho de 2021.*

Há um rascunho na minha caixa de e-mails de um que iniciei no dia seguinte à ida ao complexo *Los Claustros*, acompanhado da Lourdes e do Lyncon, em que relato que vi uma estrela cadente. Nele, trecho que acabou não entrando na seleção de entradas para a parte criativa, relato que Lourdes me disse para fazer um pedido, que pensei por alguns minutos, mas a conclusão que cheguei foi que não queria desejar nada, pois estava feliz. Mesmo feliz, ao longo da viagem, passei por alguns momentos que me deixaram pra baixo, mas, como disse no mesmo trecho, consegui manter um sorriso no rosto porque lembrava de uma frase de um de meus livros favoritos: “*Enjoy it. Because it’s happening*”. Três anos mais tarde, depois de alguns altos e baixos e um 2019 muito turbulento, estou feliz novamente, pois consegui me encontrar na Escrita e na Literatura. Rer meus diários me fez voltar a um passado que parece mais distante do que realmente é, um passado cheio de dúvidas e incertezas, um passado solitário, um passado que não quero viver novamente.

As leituras que fiz ao longo do curso acabaram me guiando para o caminho das histórias reais. A leitura dos diários me levou para o caminho da intimidade, daquilo que se escreve para apenas um leitor: o próprio autor. Há muito ainda que devo pesquisar e há muito ainda que devo aprender, mas deixo a faculdade com o sentimento de que fiz o melhor que pude. Deixo a faculdade um pouco mais seguro do que era quando entrei, de uma forma ou de outra, mais gentil comigo mesmo e com aquilo que escrevo.

Quanto ao diário apresentado, não tenho intenção de publicá-lo, pelo menos não em sua totalidade ou nas configurações em que está. Ele foi escrito por um Felipe Zanini muito diferente do que o que finaliza esse trabalho, que prestava atenção a pessoas e ações diferentes das que me atendo hoje. Pretendo voltar ao Peru, com certeza, pois tenho uma família para visitar. Desse retorno, quem sabe, surja uma narrativa de viagem mais próxima de uma publicação.

Agora, na pior das hipóteses, se me sentir sozinho novamente, terei sempre um querido amigo a quem recorrer.

Com amor, Felipe.



## REFERÊNCIAS

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Ebook)
- BARCELLOS, Sergio da Silva. **Escritas do eu, refúgio do outro — Identidade e alteridade na escrita diarística**. 2009. 263f. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** [online], n. 44, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-40184412>>. Acesso em: 20 de abril de 2021.
- GUTKIND, Lee. From the Editor: The 5 Rs of Creative Nonfiction. **Creative Nonfiction**, n. 6, 1996. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/44363477](http://www.jstor.org/stable/44363477)>. Acesso em 16 de abril de 2021.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.
- KAFKA, Franz. **Diários: 1909-1912**. Tradução e notas Renato Zwick; apresentação e cronologia Marcelo Backes. - 1 ed. -Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. organização Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. - 2º ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- PAIVA, Marcelo Rubens. **Ainda estou aqui**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- PLATH, Sylvia. **Os diários de Sylvia Plath: 1950-1962**. Organização Karen V. Kukil; tradução Celso Nogueira. - 2. ed. - São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)